

O Pastor como Mestre

&

O Mestre como Pastor

John Piper & D. A. Carson



Editado por Owen Strachan e David Mathis

Mente & Coração

O que seriam a nossa erudição e o nosso ministério pastoral se tivéssemos mente e não tivéssemos coração ou, se tivéssemos coração e não tivéssemos mente? Reconhecendo a necessidade de pastores e mestres incorporarem tanto profundidade teológica como ênfase prática, John Piper e D. A. Carson consideram ousadamente o que significa ser um pastor-teólogo e um teólogo-pastor.

Entretecendo testemunho e ensino, Piper e Carson desafiam aqueles que estão na academia e no pastorado a pensarem em sua vocação com cuidado e inteireza. Piper centraliza-se na importância do pensar atencioso em seu papel como pastor, enquanto Carson focaliza-se na importância de um coração pastoral em sua carreira como mestre.

Com discernimento e equilíbrio, Piper e Carson oferecem orientação para ajudar-nos a preencher os vazios interdisciplinares para a glória de Deus e o bem de sua igreja.

FIEL Editora

ISBN 978-85-8132-001-4

Categorias: Liderança/Teologia

"Poucos livros são tão necessários quanto este. Resgatar a visão do pastor como mestre e do mestre como pastor é crucial para a saúde da igreja. Quem não gostaria de ler John Piper e D. A. Carson, enquanto refletem sobre esta vocação? Este é um dos livros mais proveitosos e encorajadores que tenho lido em muitos anos. Se você é pastor, leia-o. Se você tem um pastor, dê-lhe este livro."

R. Albert Mohler Jr., *Presidente,*
The Southern Baptist Theological Seminary

"Quem poderia contar quantos já tiveram sua vida mudada pelos ministérios de John Piper e D. A. Carson? Quantos de nós chegamos a conhecer a Cristo ou fomos discipulados por pastores e mestres influenciados por esses líderes? Este livro é uma criação interessante que nos proporciona uma olhada sincera, pessoal e nos bastidores do que o Senhor tem usado para moldar esses homens e seus ministérios. À medida que você lê este livro, peça ao Senhor Jesus que levante, agora mesmo, uma nova geração de pastores-teólogos e teólogos-pastores que levem avante a grande obra de exaltação de Cristo e a missão do reino."

Russell D. Moore, Deão,
The Southern Baptist Theological Seminary

"Estes são capítulos importantes escritos por dois grandes pensadores do evangelicalismo. Em uma época que tem esquecido a conexão natural entre a teologia e a igreja, Piper e Carson nos lembram que esses dois mundos pertencem um ao outro. É claro que não podemos voltar ao passado; a moderna universidade de pesquisa veio para ficar. Mas nesta obra eles nos oferecem dois grandes exemplos de como lidar com o panorama contemporâneo tendo em vista produzir uma *teologia eclesial* – teologia à serviço da igreja. Este livro é um grande começo para um diálogo que está bastante atrasado."

Gerald Hiestand, Pastor Auxiliar,
Calvary Memorial Church, Oak Park, Illinois;
Diretor Executivo, Society for the Advancement
of Ecclesial Theology

"Como precisamos de pastores e mestres que amam a Deus com sua mente e suas emoções. Neste livro, dois dos evangélicos preeminentes de nossos dias refletem sobre o que significa amar a Cristo com todo o coração. Fui incentivado, convencido e desafiado por este livro. É um tesouro digno de ser lido e relido."

Thomas R. Schreiner,
Professor de Interpretação do Novo Testamento,
The Southern Baptist Theological Seminary

"Sou profundamente encorajado pelo número crescente de mestres-pastores e de pastores-mestres. Talvez não haja outros cristãos que tenham feito mais do que D. A. Carson e John Piper para suscitar essa tendência. Neste livro, eles inspirarão os leitores com histórias de suas jornadas e os desafiarão com conselhos oportunos. Acima de tudo, eles os guiarão a agradecer a Deus pelo fato de que lhes dá o privilégio de liderar e ensinar sua igreja."

Collin Hansen, Diretor Editorial,
The Gospel Coalition;
Co-autor, *A God-Seized Vision:*
Revival Stories That Stretch and Stir

O Pastor como Mestre



O Mestre como Pastor

John Piper & D. A. Carson

FIEL
Editora

O Pastor como Mestre e o Mestre como Pastor
Reflexões na vida e ministério
Traduzido do original em inglês
The Pastor as Scholar & the Scholar as Pastor
Reflections on Life and Ministry
editado por Owen Strachan e David Mathis
Copyright © 2011 por Desiring God Foundation
e Donald A. Carson

■

Publicado por Crossway Books,
Um ministério de publicações de Good News Publishers
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois 60187, U.S.A

Copyright © 2011 Editora Fiel
Primeira Edição em Português: 2011
Primeira Reimpressão: 2014

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

FIEL
Editora

Caixa Postal 1601
CEP: 12230-971
São José dos Campos, SP
PABX: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Diretor: James Richard Denham III
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Paulo César Valle; Tiago J. Santos Filho
Diagramação: Layout Produção Gráfica
Capa: Rubner Durais

ISBN: 978-85-8132-001-4

PARA

Harold John Ockenga (1905-1985)
pastor, escritor, fundador de seminário

E

Carl F. H. Henry (1913-2003)
teólogo, escritor-editor, clérigo

"Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram. Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre."
Hebreus 13.7-8

Sumário

AGRADECIMENTOS 11

INTRODUÇÃO 13
O Retorno do Pastor-Mestre
Owen Strachan

CAPÍTULO 1 21
O Pastor Como Mestre:
Uma Jornada Pessoal e o Jubiloso Lugar da Erudição
John Piper

CAPÍTULO 2 81
O Mestre Como Pastor:
Lições da Igreja e da Academia
D. A. Carson

CONCLUSÃO 127
O Pregador, o Mestre e o Verdadeiro Pastor-Mestre
David Mathis

Agradecimentos

Antes de ser um livro, *O Pastor Como Mestre e o Mestre Como Pastor* foi originalmente um evento patrocinado pelo Centro Carl F. H. Henry para Entendimento Teológico, na Trinity Evangelical Divinity School. O evento foi realizado na quinta-feira 23 de abril de 2009, na Park Community Church, em Chicago.

Agradecemos a Doug Sweeney, Diretor do Centro Henry. Agradecemos a Jackson Crum, J. R. Kerr, Joe Riccardi e Whitney Anderson, da Park Community Church. Agradecemos ainda a Ben Peays, da organização The Gospel Coalition, e ao patrocinador do tema do evento, BibleMesh.com.

Desejamos agradecer a John Piper e a Don Carson por sua disposição de acrescentar este evento a uma semana inteira de reuniões na The Gospel Coalition, bem como por colocarem suas mensagens em forma escrita e investirem energia extra para expandir as versões originais e transformá-las nestes capítulos.

Somos gratos às nossas esposas, Megan Mathis e Bethany Strachan, que não se ressentiram de nossas conversas telefônicas iniciais ou do tempo exigido para reunirmos este livro e guiá-lo pelo processo editorial. Agradecemos a Bethany também por cuidar de Owen quando ele ficou doente; e a Megan, por carregar os gêmeos quando estava próxima a data limite de seu nascimento, no verão de 2010.

Acima de tudo, agradecemos a Jesus, que, em um sentido, é o verdadeiro pastor-mestre. Todo louvor, glória, honra e poder sejam dele.

David Mathis, Minneapolis, Minnesota
Owen Strachan, Deerfield, Illinois
1º de Junho de 2010

INTRODUÇÃO

O Retorno do Pastor-Mestre

Owen Strachan

"O que você quer ser: um pastor ou um mestre?" Essa é uma pergunta comum em alguns círculos. Muitos líderes jovens que estão em treinamento têm lutado com a natureza dupla dessa pergunta. *Eu tenho de*, eles pensam com alguma angústia, *ser uma coisa ou outra. Certamente não posso ser ambas as coisas*. Assim começa a luta, seguida por algumas

conversas inquietantes. No que concerne a muitas pessoas, resoluções meticulosas são evasivas.

Talvez isso não devesse ser assim. E se a pergunta, embora bem intencionada, contém um erro potencialmente fatal? E se – segure a respiração - você pudesse ser *ambas as coisas*? O que aconteceria?

Este livro se origina de mais do que uma suspeita furtiva de que essa contra-pergunta pode estar correta. Essa suspeita não procede de um vácuo, e sim da história da igreja de Deus. Diferentemente de nossa história mais recente, quando pastores eram instados por alguns a ocuparem-se com as questões pragmáticas do ministério cotidiano, e alguns eruditos se focalizavam menos na igreja e mais nas questões acadêmicas elevadas, pastores e mestres em todo o âmbito maior da história da igreja têm combinado esses papéis. Os pastores trabalhavam motivados pelo interesse de abençoar seu povo com teologia bíblica rica, enquanto os mestres labutavam para nutrir, fortalecer e cativar a igreja por meio de sua erudição. Frequentemente, os papéis de pastor e de mestre eram cumpridos pela mesma pessoa. O pastor era um mestre e o mestre era um pastor.

Isso é particularmente verdadeiro no que diz respeito à tradição reformada, a associação cujo movimento trans-denominação continua a crescer nos dias atuais. Em Agostinho, Lutero, Calvino, muitos puritanos, Edwards, Spurgeon, Lloyd-Jones e muitos

outros, encontramos homens que amavam a igreja e eram excelentes como teólogos. Embora nossa moderna classificação dupla de "somente pastor" ou "somente mestre" *pareça* justificada, quando nos voltamos à história atual da igreja, achamos inúmeros exemplos de pastores que são mestres e de mestres que são pastores. Nem um nem outro desses papéis é uma evasão; ambos exigem que seus aderentes cumpram todos os deveres habituais do pastor e mestre da igreja bíblica local. Não devemos cometer o erro de fazer da evangelização um inimigo da teologia e do discipulado um inimigo da erudição edificante. Quer na forma de um Calvino, ou de um Edwards, ou de muitos outros, isso não soa verdadeiro. Esses exemplos revelam que a teologia robusta, em vez de obstruir a prática do ministério, enriquece-o, visto que a prática do ministério aprimora e aumenta a apreciação de alguém pela teologia.

Estes modelos de pastor e mestre florescem nos dias atuais, ao contrário do que alguém poderia pensar. John Piper e D. A. Carson são dois dos personagens mais bem conhecidos do evangelicalismo. Ambos têm provido liderança ao movimento, de maneiras diferentes. De sua posição icônica na Bethlehem Baptist Church, Piper tem sido um modelo de pastor de mentalidade teológica. D. A. Carson, em toda a sua longa e distinta carreira na Trinity Evangelical Divinity School, tem sido um exemplo de erudito preocupado com as coisas da igreja.

Cada um desses homens tem publicado dezenas de livros, tornando-os uma voz de liderança para evangélicos de contextos diferentes. Ambos têm publicado em vários níveis, quer para a leitura popular, apropriada à igreja, quer para a leitura acadêmica.

Os dons de cada um desses homens os têm tornado exemplos para crentes e líderes que são colegas no ministério. Visto que eles são capazes de falar tanto com clareza quanto com profundidade, tendo sempre em vista um Deus soberano e um evangelho que salva, Piper e Carson representam um ponto de partida contemporâneo para uma discussão mais ampla da vocação ministerial.

Por essas diversas razões, o Centro Carl F. H. Henry para Entendimento Teológico, na Trinity Evangelical Divinity School, pediu ao Dr. Piper e ao Dr. Carson que falassem num evento especial realizado em função de futuros pastores e mestres, em 23 de abril de 2009. Seguindo imediatamente a conferência nacional The Gospel Coalition, o evento foi intitulado "O Pastor Como Mestre e o Mestre Como Pastor: Reflexões Sobre a Vida e o Ministério, Com John Piper e D. A. Carson". O evento atraiu grande número de pessoas à Park Community Church, em Chicago. O auditório e dois andares com salas para excesso de público ficaram cheios de pessoas que foram ali para ouvir os dois líderes falarem sobre sua vocação. Por três horas, a audiência atentou ao pastor

mestre e ao mestre de coração pastoral. Milhares de outras pessoas assistiram às palestras pela internet, depois do evento, e isso gerou um entusiasmo em diversos blogs e outras formas de mídia social.[1]

Este livro, conforme esperamos, contribui para o crescente diálogo sobre as identidades da vocação ministerial. Além do evento mencionado, a Society for the Advancement of Ecclesial Theology, na área de Chicago, se reuniu em 2007 e está cheia de pedidos de pastores interessados que desejam engajar a vida e a mente na sua obra pastoral. O teólogo Kevin J. Vanhoozer ministrou as *Page Lectures* no Southeastern Baptist Theological Seminary no final de 2009 e comentou amplamente a necessidade do pastor-teólogo, o "intelectual público" do evangelicalismo.[2] No fronte literário, o livro *Deus Não Está em Silêncio*, de R. Albert Mohler, inclui um capítulo sobre o pastor como teólogo.[3] O livro *The Courage to Be Protestant* (A Coragem de Ser Protestante), de David Wells, argumenta que historicamente "santos-eruditos" lideraram a igreja, pastores que "se sentiam tão bem

1 Os arquivos em áudio e vídeo, incluindo tanto as palestras como a sessão de perguntas e respostas, podem ser obtidos em: http://pastortheologian.com, o website criado especialmente para o evento.

2 Essas palestras foram dadas em 10 e 11 de novembro de 2009, no Southeastern Baptist Theological Seminary, em Wake Forest (Carolina do Norte). Foram intituladas "Doing Faith: Seeking (and Showing) Understanding in Company with Christ" e podem ser acessadas em: http://thegospelcoalition.org/blogs/justintaylor/2010/03/18/vanhoozer-on-redramatizing-theology.

3 R. Albert Mohler Jr. *Deus não está em silêncio:* pregando em um mundo pós-moderno. São José dos Campos, SP: Fiel, 2011. p. 115-124. O pastor como teólogo: pregação e doutrina.

com livros e erudição quanto com as dores da alma".[4] O livro *Jonathan Edwards and the Ministry of the Word* (Jonathan Edwards e o Ministério da Palavra), de Douglas Sweeney, inclui conteúdo importante sobre o ministério de Edwards como pastor-teólogo.[5] Um artigo perspicaz sobre este assunto, escrito por Gerald Hiestand, saiu no *Westminster Journal of Theology* em 2008.[6] A recente teologia sistemática para a igreja intitulada *A Theology for the Chruch* (Uma Teologia para a Igreja), escrita por Daniel Akin, apresenta capítulos que foram escritos pelos principais teólogos e pastores eruditos e têm como alvo a igreja local e seus líderes.[7] Neste e noutros textos, pensadores cristãos estão suspirando por um pastorado melhor e uma academia envolvida.

O Pastor Como Mestre e o Mestre Como Pastor serve como uma introdução breve e legível para essas vocações. Sugere, por meio de experiência e meditação, uma resposta para a pergunta apresentada antes: "O que você quer ser: um pastor ou um mestre?". Talvez sejamos perdoados se, como o Pastor Piper e o Professor Doutor Carson, quisermos, de uma maneira pequena, ser uma combinação realista de ambas as vocações, a fim de que

---

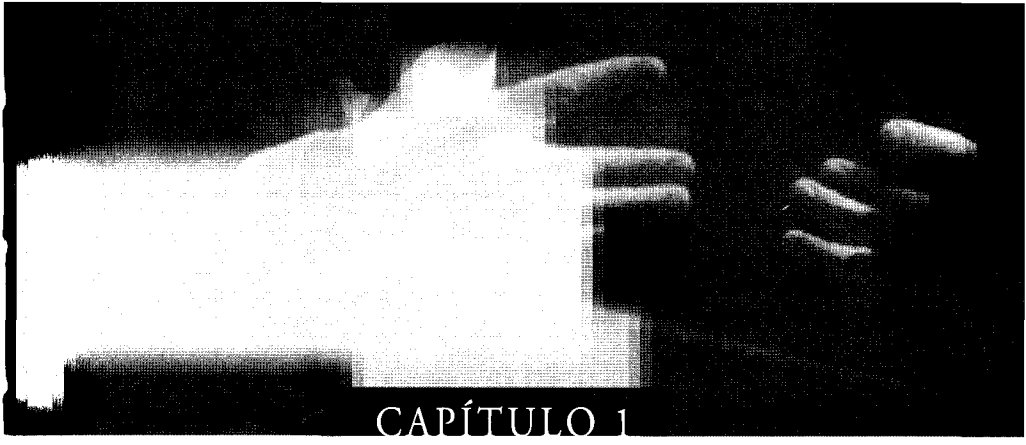
4 David Wells. *The courage to be protestant*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008. p. 40.

5 Douglas A. Sweeney. *Jonathan Edwards and the ministry of the Word*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009. p. 197-200.

6 Gerald L. Hiestand. Pastor-scholar to professor-scholar: exploring the theological disconnect between the academy and the local church. *Westminster Theological Journal*, Philadelphia, v. 70, n. 2, p. 356-372, Fall 2008.

7 Daniel L. Akin. *A theology for the church*. Nashville: Broadman, 2007.

usemos os nossos dons no serviço de Deus, para a saúde de nossos irmãos e irmãs. Isto, e não mera reorganização de nossa bagagem ministerial, é o alvo deste livro: o fortalecimento da igreja de Deus, para a grande glória de seu Senhor.



CAPÍTULO 1

O Pastor como Mestre: Uma Jornada Pessoal e o Jubiloso Lugar da Erudição

John Piper

Este capítulo tem duas partes. A primeira parte é a história de minha peregrinação até ao pastorado; a segunda parte é a maneira como a "erudição" se relaciona com o tema predominante de meu ministério – Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele. A história que conto, desde o tempo em que era um adolescente no ensino médio até a

etapa da vida em que estou agora, tem uma perspectiva – salientar os fatores que, ao longo da jornada, me moldaram no tipo de pastor que sou hoje, para bem ou para mal. O próprio fato de que estou abordando o tema de pastor-mestre desta maneira é parte do que você deve aprender sobre o que me faz ser o que sou como pastor e como isso se relaciona com a erudição. Não espere que eu diga algo a respeito de criar lugar para a erudição acadêmica na vida ocupada de um pastor.

Parte 1: A formação de um pastor-erudito

Por um ângulo, esta abordagem é tipicamente americana – nós, americanos, em geral, expomos nossa alma ao mundo mais rapidamente do que muitas culturas o fazem. Por exemplo, F. F. Bruce, representando o britânico de uma geração passada (talvez muito semelhante à de hoje), disse no final de sua autobiografia:

> Enquanto alguns leitores observaram que nestes capítulos eu disse muito pouco sobre minha vida no lar, outros talvez se admirem do fato de que eu fui tão reticente quanto à minha experiência religiosa. A razão é provavelmente a mesma em ambos os casos: não me importo em falar muito – especialmente em público – sobre coisas que significam muito para mim. Outros não têm essa inibição e têm enriquecido seus colegas por relatarem a história íntima

> dos lidares do Senhor com eles – alguém pode pensar nas *Confissões*, de Agostinho, e em *Graça Abundante*, de Bunyan. Mas qualidades excepcionais são exigidas para que alguém seja capaz de fazer esse tipo de coisa sem timidez e auto-engano.[1]

Portanto, você percebe que estou em apuros. Minha primeira reação quando li isso foi dizer: "Não admira que eu tenha achado esse comentário tão improdutivo" – útil em maneiras significativas, mas pessoal e teologicamente anêmico. Minha segunda reação foi dizer (e isso aconteceu em 1980, o ano em que deixei a academia e entrei no pastorado): "Que admirável! Você diz: 'Não me importo em falar muito – especialmente em público – sobre coisas que significam muito para mim'. Eu digo: a *única* coisa que me importa é falar sobre – especialmente em público – as coisas que significam muito para mim".

EMPATIA ZERO

Tanto a afirmação de F. F. Bruce como a minha são exageros. Mas, falando com seriedade, essa é uma das diferenças entre mim e muitos eruditos, sendo também parte do que me empurrou para fora da academia. Estou regularmente explodindo para falar sobre as coisas

1 F. F. Bruce. *In retrospect:* remembrance of things past. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1980. p. 306.

mais preciosas do universo – e não de maneira desinteressada, desapaixonada, calma, distante, sem emoção, a suposta maneira dos mestres; mas, antes, com interesse total, fervor, paixão, agitação, apego completo, totalmente emocional e, como sempre espero, *verdadeiro*. *Verdadeiro*, pelo menos, é meu objetivo.

Coloco-me ao lado de Jonathan Edwards quando disse:

> Ao cumprir meu dever, devo pensar em mim mesmo para elevar as afeições de meus ouvintes, tão alto quanto eu puder, contanto que eles sejam afetados com nada menos do que a verdade e com afeições que não sejam discordantes da natureza daquilo com que são afetados.[2]

Na verdade, a minha suposição é que, para Edwards e para mim mesmo, em nosso alvo de elevar as afeições dos ouvintes, nós mesmos temos experimentado, autenticamente, afeições elevadas. E essas afeições estão em sintonia com o que é verdadeiro e em proporção com a natureza da verdade.

Por isso, tenho empatia zero para com F. F. Bruce e outros, quando eles dizem (às vezes, em nome da personalidade, e outros, em nome da objetividade erudita):

2 Jonathan Edwards. Some thoughts concerning the revival. In: C. C. Goen. *The works of Jonathan Edwards, vol. 4*. New Haven, CT: Yale University Press, 1972. p. 387.

"Não me importo em falar muito – especialmente em público – sobre coisas que significam muito para mim". Também não me importo se eles dizem que uma palestra teológica ou um comentário erudito crítico não é o lugar para isso.

Mas, agora, você percebe que ele me colou em apuros, porque disse: "Outros não têm essa inibição e têm enriquecido seus colegas por relatarem a história íntima dos lidares do Senhor com eles – alguém pode pensar nas *Confissões*, de Agostinho, e em *Graça Abundante*, de Bunyan. Mas qualidades excepcionais são exigidas para que alguém seja capaz de fazer esse tipo de coisa sem timidez e auto-engano". Portanto, para seguir o curso que tracei para mim mesmo, tenho de pensar em mim mesmo como que possuindo "qualidades excepcionais" e, talvez, incluído nas fileiras de Agostinho e Bunyan! O que farei?

Há outra possibilidade – de fato, há várias. Uma é que eu não tenha "qualidades excepcionais" e seja apenas estúpido em seguir essa abordagem. Outra possibilidade é que eu seja egoísta e fútil. O mundo de internet em que vivemos hoje está inundado de narcisismo e vaidade, contendo algumas pessoas que tiram literalmente sua roupa, porque a exposição lhes dá emoção, e outros fazem isso no sentido espiritual – porque o viciante poder de falar sobre você mesmo, onde qualquer pessoa no mundo possa ler, é irresistível.

Coloco regularmente diante de mim o texto de Filipenses 2.3, com sua penetrante palavra *kenodoxia* (vanglória): "Nada façais por partidarismo ou vanglória [*kenodoxia*], mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo". O amor pelo louvor humano – a glória humana – é universal e mortal.

Jesus disse: "Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?" (Jo 5.44). Você não pode. Não pode crer no Messias crucificado como tesouro e herói supremo e amar o oposto exato da mentalidade que o levou à cruz.

Portanto, em seguir uma abordagem autobiográfica neste capítulo, talvez eu seja estúpido ou talvez seja fútil. Ou, outra possibilidade, talvez eu seja paulino.

> Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos.
>
> *2 Coríntios 1.8-9*

> Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós, pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face; para que o coração deles seja confortado.
>
> *Colossenses 2.1-2*

> Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho; de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais.
>
> *Filipenses 1.12-13*

Em outras palavras, Paulo falou repetidas vezes sobre a sua vida e experiência pessoal com Deus, tendo em vista ajudar seus ouvintes. Sim, essa abordagem é perigosa, mas há razões para ela.

TALVEZ EU NÃO SEJA UM

Uma das minhas razões envolve uma grande suposição. Suponho que uma das principais razões por que me pediram que contribuísse para este livro, juntamente com D. A. Carson, é que alguém acha que sou um destes – um pastor-mestre. Dependendo da definição, não estou certo de que sou. Por isso, pensei que deveria contar minha história a respeito de como cheguei a ser o que sou, e você pode decidir se eu sou ou não. Ou *em que sentido* eu sou ou não sou. E se isso é uma coisa boa ou não. E quais são as implicações para você e para a igreja.

Portanto, considerarei seis etapas de minha vida à luz desta pergunta: quais foram os impulsos para a erudição e o pastorado? E, ao longo desta consideração, você compreenderá o que pretendo dizer com *erudição* e *pastorear*.

OS PRIMEIROS ANOS

Quando eu tinha seis anos de idade e estava em um hotel com minha família, passando férias na Flórida, orei com minha mãe e confessei a minha fé em Jesus como meu Salvador. Meus pais eram crentes, e meu pai era um evangelista. Eu os amava, os admirava e aceitava a verdade que eles me ensinaram. A influência de meu pai foi grande. Eu o admirava como pregador.

Mas logo soube que eu jamais seria um pregador, porque em minha pré-adolescência não conseguia falar diante de qualquer grupo. Eu ficava paralisado de ansiedade quanto a isso, tremia tão intensamente e ficava tão completamente embaraçado, que era fisicamente impossível eu ler ou falar diante de um grupo de qualquer tamanho. Não imagine uma pessoa normal cheia de apreensão e nervosismo. Imagine impossibilidade física. Portanto, pregação e o pastorado foram totalmente excluídos de meus sonhos.

Além disso, não havia qualquer visão para a *erudição* em meu lar. A erudição não era nem mesmo uma categoria em nossa mente ou uma palavra de nosso vocabulário. Meu pai tinha uma biblioteca e um escritório de estudo no lar, mas eu nunca pensei em erudição. Vi o Novo Testamento Grego de meu pai, mas nunca o vi usá-lo. Também nunca ouvi papai

dizer que o tinha usado – embora tenha notado que o Novo Testamento Grego estava marcado e fora usado de vez em quando.

Portanto, *pastorear* não era uma opção por causa de minha deficiência (ou o que quer que fosse), e a *erudição* era uma categoria inexistente quando entrei no ensino médio. Mas eu era um crente. Amava a Jesus. Odiava o pecado. Temia a Deus, de uma maneira boa. Levava muito a sério o céu, o inferno, a salvação e o evangelho. Eram realidades dominantes em minha vida. As sementes do ministério estavam ali. Mas não havia qualquer sonho de ser pastor e nenhuma consciência de que existia alguma coisa como a erudição.

OS ANOS DE ENSINO MÉDIO

No colegial, houve um duplo despertamento: um foi intelectual, e outro, emocional e expressivo. No lado intelectual, houve as aulas de biologia avançada e de geometria no segundo ano. Essas aulas foram muito significativas.

O processo de raciocinar a partir de axiomas, postulados e consequências, a fim de transformar teorias em provas, foi tremendamente estimulante para mim. Gostei muito da habilidade de extrair conclusões certas de premissas verdadeiras. A aula de geometria marcou um despertamento sério de meu amor pelo pensar correto.

Daquele tempo até agora, tenho ficado atento a conclusões que não resultam das premissas, no que ouço e leio. Se um político ou um pregador diz: "Todas as vacas têm quatro pernas; Fido tem quatro pernas; portanto, Fido é uma vaca", percebo logo a bobagem. Daquela aula em diante, tenho tido uma expectativa consciente de nunca ser ilógico ou incoerente.

Depois, houve as aulas de biologia avançada com a Sra. Clanton, em que dissecávamos vermes, sapos, fetos de porcos e moscas tsé-tsé. Muitos de vocês já ouviram a história do Peixe de Agassiz,[3] sobre o naturalista que exigiu de seu aluno que este se assentasse e examinasse atentamente um peixe por uma semana, para aprender tudo que pudesse. Bem, a Sra. Clanton era assim. O objetivo de toda a dissecação era despertar em nós a disciplina crucial da observação acurada e completa. Você vê o que há realmente no porco? Todo o raciocínio perspicaz do mundo o enganará se você começar com observações que são inexatas ou incompletas.

Não me surpreendi quando, no seminário, o Peixe de Agassiz foi usado na aula de hermenêutica[4] e quando, na Alemanha, li esta afirmação de Adolf Schlatter, erudito em Novo Testamento: "Ciência/erudição é

3 Ver: John Piper. *Pense:* A Vida da Mente e o Amor de Deus. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2011. Apêndice 2.

4 Peter Stuhlmacher, em *Vom Verstehen des Neuen Testaments: eine Hermeneutik* (p. 170), ecoa Schlatter: "Wissenschaft is ertstens Sehen uns zweitens Sehen and drittens Sehen und immer und immer wieder Sehen".

primeiramente observação; em segundo, observação; em terceiro, observação". Então, o que aconteceu na aula de biologia da Sra. Clanton foi o despertamento de uma conscientização de que o conhecimento confiável – do mundo, ou da Bíblia, ou de qualquer outra coisa – depende de ver o que está realmente ali, aquilo com o que a mente trabalhará.

Estes foram dois grandes impulsos que contribuíram para o que eu sou no ministério: a observação diligente de textos e a exigência do pensar exato – da parte de mim mesmo e dos outros.

Dois outros despertamentos no ensino médio nunca desapareceram. Um, foi a paixão de escrever, e outro, a inclinação para poesia. Meu pai plantou as sementes de poesia, porque escrevia poemas para ocasiões especiais e os lia para a família. Mesmo nos meses antes de sua morte, aos 87 anos, eu lhe pedi que lesse seus poemas para mim, e ele chorava em certos momentos, quando lia para seu filho de 60 anos.

Mas tudo isso permaneceu dormente até a primavera de 1963, no meu penúltimo ano de ensino médio. Em minha aula de inglês, nasceu o desejo de ler livros sérios e de escrever artigos e poemas. Isso nunca desapareceu. Escrever tem sido quase um hábito diário desde então – numa forma ou noutra – notas, cartas, artigos de jornais, poemas, idéias, narrativas, ensaios, sermões e mais.

Escrever se tornou a alavanca de meu pensar e o meio de dar vazão aos meus sentimentos. Se eu não puxasse a alavanca, a roda do pensar não girava. Ela se movia com muita dificuldade, rangia, parava. Mas, uma vez que eu tinha uma caneta na mão, ou um teclado, a névoa começava a clarear, e a roda do pensamento começava a girar com mais clareza e percepção. E, quando os sentimentos que ressoavam em meu coração, como um adolescente introvertido e inseguro, precisavam de forma, eu me voltava à poesia e à escrita. Por isso, juntamente com as disciplinas do pensar exato e da observação diligente, surgiu uma paixão por expressar-me conceitualmente claro e emocionalmente tocante na escrita.

Há duas últimas coisas que precisam ser enfatizadas sobre o ensino médio. Eu sabia que era incapaz de falar na frente de qualquer grupo e fiquei profundamente preocupado e ansioso quanto ao meu futuro – que tipo de trabalho me ajudaria a evitar isso? Eu sabia também que lia muito vagarosamente. Até hoje, não posso ler mais rápido do que posso falar. Alguma coisa obstrui minha capacidade de perceber com exatidão o que está na página, quando tento ir mais rápido – talvez alguma forma de dislexia. Essas duas incapacidades – paralisia diante das pessoas e leitura terrivelmente lenta –, eu sabia, me deixariam fora de qualquer profissão que exigisse grande quantidade de leitura e qualquer fala pública.

Mas Jesus era real para mim. Voltei-me para ele em minhas tristezas. Eu amava minha igreja. Odiava o pecado. Temia a Deus. Acreditava na Bíblia, no céu e no inferno. De algum modo, minha vida tinha valor. Mas eu não sabia como.

WHEATON COLLEGE

O tempo em Wheaton foi muito influente em alimentar as chamas que haviam sido acesas no ensino médio – o estímulo intelectual, o aprofundamento emocional, a paixão por escrever. Em um sentido, meus dias na faculdade e no seminário se relacionam mutuamente como forma e substância. Os dias na faculdade solidificaram paixões e hábitos da mente; os dias no seminário definiram qual seria o foco desses hábitos, ou seja, Deus, a sua Palavra e o seu povo.

As influências desses dias podem ser agrupadas sob os temas a mente, o coração, a síntese e a ponte para o ministério.

A MENTE

Arthur Holmes e Stuart Hackett estavam ambos no departamento de filosofia em Wheaton nos últimos anos da década de 1960. Holmes incorporava duas coisas que eu nunca tinha visto antes: (1) a busca por uma

cosmovisão abrangente que ajudasse a fazer sentido de tudo – e que tinha Cristo como o centro integrador – e (2) a vida da mente como vocação. Em outras palavras, a erudição cristã como uma vocação surgiu em meu horizonte como uma possibilidade, pela primeira vez em minha vida.

Stuart Hackett foi provavelmente um dos dois mais influentes professores que tive em Wheaton, não por causa da teologia que ele afirmava, mas por causa da maneira como ele pensava. Eu tive somente duas matérias com ele – e o conteúdo de cada aula parecia ser o mesmo – mas nunca era monótono. Ele era a incorporação filosófica do que a geometria tinha significado para mim no ensino médio.

O principal argumento de cada aula parecia ser: qualquer sistema de pensamento que nega a verdade nega-se a si mesmo. Em outras palavras, ele mostrava a importância universal da lei da não-contradição: se você diz que não há verdade, então, você falou algo que não tem valor. Esse discernimento simples tem sido protetor e iluminador de minha vida por mais de 40 anos. Poupou-me de enamorar-me de todo o ridículo pós-modernismo que já era exuberante no final dos anos 1960. Obrigado, Dr. Hackett!

Francis Schaeffer entrou em cena no outono de 1965 e teve o efeito de tomar todo o despertamento intelectual e mostrar-nos que isso poderia ser

engajado cultural e evangelisticamente. Em outras palavras, ele parecia incorporar uma maneira de tirar do isolamento todos os impulsos de erudição e colocá-los em uso pessoal e social por causa de Cristo, no mundo. Portanto, a maneira particular de Francis Schaeffer fazer apologética teve o efeito de ajudar muitos de nós a crer que o despertamento intelectual que estávamos experimentando em Wheaton poderia realmente ser uma bênção no mundo, mais amplamente do que imaginávamos.

Outra influência em Wheaton foram os alunos. Nunca estive cercado de tantos jovens intelectualmente engajados. Isso teve um efeito duplo. Um dos efeitos foi o de alimentar o fogo aceso pelos professores. O outro efeito foi o de lembrar-me minha deficiência. Por causa desse tipo de expectativa na sala de aula, eu não era um aluno notável em Wheaton. Se me lembro corretamente, o meu *Índice de Rendimento Acadêmico* foi o que hoje equivaleria a 3.2; eu era um aluno B, e não um aluno A. Por isso, nunca pensei em mim mesmo como alguém nas linhas de frente de qualquer coisa. Eu não era superior de maneira alguma em Wheaton.

O CORAÇÃO

Juntamente com essas fontes intelectuais que borbulhavam, outro rio começou a fluir. Meu amor pela

leitura e pela escrita levaram-me a ser uma especialista em literatura. A faculdade de literatura era famosa. Peguei toda matéria de literatura que Wheaton oferecia. Evitei toda aula de romance que era oferecida. Eu não podia ler muito rápido para passar por todos os romances em um semestre, mas eu podia escrever e analisar poesia. Por isso, percorri vagarosamente meu caminho de especialização em literatura como um dos leitores mais lentos do campus.

A poesia foi escolhida principalmente porque as emoções de um rapaz podem navegar profundo no rio da poesia. Clyde Kilby era um gigante no departamento de literatura naqueles dias, e seu livro *Poetry and Life* (Poesia e Vida) era vivido à nossa frente, na aula. Kilby tomou a paixão por observação e infundiu-lhe um tipo de vida que a biologia nunca poderia transmitir. Ele me ensinou que sempre existe mais a ser visto no que eu vejo. Há sempre maravilha. Há sempre algo de que nos admirarmos. Há saúde mental em aprender a olhar para uma árvore, ou uma nuvem, ou um nariz e a maravilhar-se de que ele é o que é. Então, isso se torna poesia. Quando você finalmente vê a maravilha do que tem olhado por dez anos, o que você faz com essa visão é tentar dizê-la – e isso é o que a poesia é.

Uma das resoluções de Kilby para ser uma pessoa saudável dizia assim:

> Abrirei meus olhos e meus ouvidos. Uma vez por dia, contemplarei uma árvore, uma flor, uma nuvem, uma pessoa. Não ficarei, de modo algum, interessado em perguntar o que eles são, mas apenas me alegrarei em que eles são. Eu lhes atribuirei alegremente o mistério do que Lewis chama de "a sua existência estática, mágica, divina e apavorante".[5]

Quando alguém lhe mostra aquilo que você sempre olhou e nunca viu, isso é absolutamente revolucionário. Kilby foi uma das maiores influências de minha vida. Eu dificilmente sei o que ele pensava sobre qualquer coisa – política, psicologia, teologia. Era a *maneira* como ele via o mundo e falava do mundo. Ele era tão vivo para a maravilha das coisas. Isso foi uma preparação da alma incalculavelmente valiosa pra a visão de Deus que viria alguns anos depois no seminário.

Nesta seção sobre o coração, enquadra-se Nöel Henry. Ela tem sido minha esposa por mais de 40 anos. Mas, naqueles dias, começando no verão de 1966, ela era este belíssimo objeto de desejo. Oh! Como eu desejava ser casado com Nöel! Apaixonar-se é muito poderoso. Não é em vão que Cântico dos Cânticos, de Salomão, diz: "Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, que não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira" (Ct 8.4). Os efeitos de achar

5 Para ler o restante das resoluções de Kilby para a saúde mental, ver: John Piper. *The pleasures of God*. Sisters, OR: Multnomah, 2000. p. 95-96.

uma esposa são tão abrangentes e duradouros, que são imensuráveis. Então, foi nessa altura que ela entrou em minha vida; e nada mais tem sido o mesmo desde então. Devo a Nöel mais do que a qualquer outra pessoa no mundo.

A SÍNTESE

A síntese de coração e mente foi incorporada em C. S. Lewis. Ele se tornou para mim, nos dias de facudade, o que Jonathan Edwards se tornou nos dias de seminário – uma eminente figura de influência intelectual e emocional. Ele era um "racionalista romântico" – esse foi o nome dado a um pequeno livro sobre Lewis e que me deixou bastante animado, porque resumia o que eu pensava que era (o que talvez seja bem próximo de "pastor-mestre"). A influência de Lewis sobre mim foi grande e variada.

Lewis incorporava o fato de que a lógica rigorosa, precisa e penetrante não é hostil à imaginação profunda, estimulante, emocionante e vívida – e até divertida. Ele combinou o que quase todos hoje admitem como mutuamente exclusivos: racionalismo e poesia, lógica fria e emoção calorosa, prosa disciplinada e livre imaginação. Em destruir esses velhos estereótipos para mim, Lewis libertou-me para pensar sério e escrever poesia, argumentar em favor da ressurreição e compor hinos para Cristo, destruir um argumento e abraçar um amigo, exigir uma definição e usar uma metáfora.

Lewis foi a principal influência em Clyde Kilby, e Lewis causou em mim o mesmo efeito que causou em Kilby. Ele me concedeu um senso intenso da "realidade" das coisas. Acordar de manhã e estar consciente da firmeza do colchão, do calor dos raios solares, do som do relógio fazendo tique-taque, do ser puro das coisas (a "essência" como ele a chamava). Lewis me ajudou a tornar-me vivo para a vida. Ajudou-me a ver o que está lá no mundo – coisas que, se não temos, pagaríamos um milhão de dólares para tê-las, mas, tendo-as, nós as ignoramos.

Por fim, Lewis me tornou bastante cauteloso do esnobismo cronológico. Ou seja, ele me mostrou que a "novidade" não é uma virtude e que a "antiguidade" não é um defeito. Verdade, beleza e bondade não são determinadas por quando elas existem. Nada é inferior por ser antigo, e nada é valioso por ser moderno. Isso me libertou da tirania da novidade.

Esses foram dons imensuráveis e tiveram o efeito de sintetizar minha experiência em Wheaton. O estímulo intelectual, o aprofundamento emocional, a incitação da imaginação, a paixão por escrever – tudo isso veio junto em C. S. Lewis e me fez perguntar a mim mesmo se não deveria ensinar literatura inglesa como vocação.[6]

6 Meu tributo biográfico a Lewis, intitulado "Lessons from an Inconsolable Soul: Learning from the Mind and Heart of C. S. Lewis", está disponível em: <http://www.desiringgod.org/ResourceLibrary/Biographies/4503>.

A PONTE PARA O MINISTÉRIO

Houve outros fatores-chave que Deus estava operando e determinariam a direção que toda esta energia tomaria. Mencionarei quatro. Juntamente com esses, há a ponte que Deus construiu para eu ir ao seminário e para o ministério da Palavra.

Primeiramente, houve o momentoso verão de 1966. Eu não somente conheci Nöel, mas o capelão Evan Welsh me pediu que orasse na capela da escola de verão. Por razões que não posso recordar, eu disse sim. Isso significava ficar em frente de quase 500 alunos e do corpo docente e orar por quase um minuto (no máximo). Nunca em minha vida eu tinha sido capaz de fazer tal coisa em frente de 10 pessoas; muito menos de 500 pessoas. Fiz um voto a Deus no campus: *se o Senhor me conduzir nisto sem que eu fique sufocado ou paralisado, nunca mais direi não a uma oportunidade de falar, motivado por temor.* Ele respondeu essa oração, e creio que algo mudou. Acho que tenho cumprido meu voto.

Harold John Ockenga foi pregar naquela capela no outono de 1966. Eu estava acamado no centro de saúde do campus, sofrendo de mononucleose infecciosa, quando o ouvi pelo rádio. E Deus criou em meu coração um desejo de estudar, entender e ensinar a Palavra de Deus, um desejo que nunca morreu. Ainda é tão vivo e forte hoje como ele sempre foi. Assim, a ponte para o

seminário estava sendo construída. Eu estava a caminho de um foco bíblico claro para todo o intelecto, emoção, imaginação e escrita que haviam sido despertados e aprofundados em Wheaton.

Então, veio John Stott e *Men Made New* (Homens Tornados Novos), um livreto sobre a exposição de Romanos 5-8. Amei o livreto. Foi combustível no fogo que Ockenga acendera e mostrou-me o tipo de atenção cuidadosa ao texto que o tornava vivo para mim.

Então, veio o Urbana 1967, onde Stott expôs novamente 2 Timóteo, em uma semana de mensagens, e a total indispensabilidade de missões globais me impactou.

Com tudo isso (a ansiedade irrompeu, a chamada de Deus por meio de Ockenga, o exemplo de John Stott, o impulso de missões), a ponte estava construída para o estudo da Palavra de Deus no seminário. Eu não sabia o que faria com isso em termos de vocação. Tudo que eu sabia é que tudo que Deus tinha feito em minha vida estava me preparando para estudar sua Palavra e, de algum modo, usá-la em benefício da igreja e de missões.

FULLER SEMINARY

Quando fui para o Fuller Seminary, estava desligado de uma igreja local. Na faculdade, eu não tinha me envolvido seriamente com uma igreja local. Isso foi tolo e imaturo. E continuou por alguns meses no seminário.

Então, eu casei e percebi que precisava crescer. Nöel e eu fomos a Lake Avenue Congregational Church, onde Ray Ortlund era o pastor principal. Ali ficamos apaixonados pela igreja – a igreja local de pessoas reais que tinham relacionamentos reais. Quando fomos aceitos como membros, Nöel cuidava dos incapacitados mentalmente, e eu ensinava pré-adolescentes e casais jovens. Estávamos em cinco pequenos grupos diferentes. Por fim, quatro anos depois, deixei a igreja para fazer o curso de pós-graduação. Fui ordenado naquela igreja. Nunca mais fui leviano em minha união com uma igreja local. Separar-se de uma igreja local com um senso de auto-suficiência é, a longo prazo, suicídio.

No seminário, coisas explosivas estavam acontecendo em minha alma. Eu estava assistindo à agonia e ao êxtase do novo evangelicalismo lutando para libertar-se do anti-intelectualismo e da distância cultural do fundamentalismo, para criar um engajamento intelectual e cultural que seria respeitado na sociedade. Alguns desses homens pagaram com sua vida, sua família e sua saúde na luta para achar credibilidade erudita. George Ladd foi quase arruinado emocional e profissionalmente por uma resenha crítica de sua obra *Jesus and the Kingdom* (Jesus e o Reino), uma resenha escrita por Norman Perrin, da Universidade de Chicago. E, quando seu livro *New Testament Theology* (Teologia do Novo Testamento) foi um sucesso impressionante, dez anos depois, ele

caminhou pelos corredores gritando e agitando com a mão um cheque de nove mil dólares referentes a royalties.

A disciplina erudita de Geoffrey Bromiley, que traduziu para o inglês toda a obra *Theological Dictionary of the New Testament* (Dicionário Teológico do Novo Testamento), de Kittle, inspirou admiração. Mas o menosprezo imaturo dos fundamentalistas por parte dos professores mais novos, em algumas aulas, foi desapontador. Esses docentes estavam em busca de tornar a ortodoxia proeminente de maneira intelectual. Portanto, havia uma atmosfera impetuosa no final dos anos 1960.

Quanto a mim, aquele tempo foi o mais decisivo de minha vida no aspecto teológico e metodológico. E a pessoa-chave usada por Deus foi Daniel Fuller. Emocional e pessoalmente, ele era tão imperfeito como os demais homens (ora, eu diria: "Como o resto de *nós*"). Mas, em sua imperfeição, ele fez com que muitas coisas fizessem sentido para mim.

Ninguém ensinava mais rigorosamente do que Dan Fuller. Em seu método exegético, ninguém era mais firme no texto bíblico do que Dan Fuller. Nós chamávamos sua abordagem de "arqueadora"; e ela tem sido a chave metodológica para muito do que tenho visto na Bíblia nos 40 anos passados. Ninguém era mais zeloso em pensar os pensamentos do autor, segundo o autor, porque

isto é o significado do texto – a intenção do autor (nisso, a obra *Validity in Interpretation* [Validade na Interpretação], de E. D. Hirsch, foi convincente).

No aspecto prático, ninguém era mais comprometido com a verdade e a autoridade da Escritura do que Dan Fuller. Ninguém transmitia uma maior gravidade das coisas cruciais em jogo na verdade bíblica. Ninguém era mais sensível às perguntas dos alunos e as tomava com mais seriedade do que Dan Fuller. Ele se demoraria conosco por horas depois da aula. E ficaria acordado até tarde escrevendo respostas para as nossas perguntas e traria o escrito no dia seguinte para testar seus novos pensamentos conosco.

Ninguém era mais comprometido em mostrar que muita leitura não é a essência da erudição, e sim que análise lógica, frequente, detalhada e meticulosa de grandes textos pode elevar você ao nível das maiores inteligências. Ninguém penetrava na essência da verdadeira erudição da maneira como o fazia Dan Fuller. Em companhia do livro *How to Read a Book* (Como Ler um Livro), de Mortimer Adler, ele me ensinou que a tarefa do verdadeiro erudito, não importando qual seja a sua vocação, era:

- *observar* seu assunto de estudo acurada e completamente;
- *entender* com clareza o que observou;

- *avaliar* corretamente o que entendeu, por decidir o que é verdadeiro e valioso;
- *sentir* intensamente em harmonia com o valor do que avaliou;
- *aplicar* com sabedoria e proveito à vida o que ele entendeu e sentiu;
- *expressar*, no discurso, na escrita e nos atos, o que viu, entendeu, sentiu e aplicou, de uma maneira que sua acurácia, clareza, verdade, valor e proveito sejam conhecidos e desfrutados por outros.

Com toda esta erudição singularmente sincera, Dan Fuller me apresentou, por meio das Escrituras e de Jonathan Edwards, a verdade de que *Deus é mais glorificado em nós quando eu sou mais satisfeito nele*. Isso foi a semente da qual brotou todos os livros que escrevi e todos os sermões que tenho pregado. O fato de que Deus buscava sua glória e minha alegria no mesmo ato de adoração foi a verdade mais impactante que já aprendi. As fontes foram a Bíblia e, depois, Jonathan Edwards.

Lembro-me o dia em que Fuller foi acusado de ser muito racional por um aluno da nova escola de psicologia. Fuller respondeu dizendo: "Por que não podemos ser como Jonathan Edwards, que, num momento, podia estar escrevendo uma meditação que aqueceria o coração de sua avó e, no momento seguinte, apresentar um argumento filosófico que desnortearia os principais filósofos

de seus dias?". Meu coração pulou. Fui diretamente para a biblioteca depois da aula, sabendo quase nada sobre Edwards, e examinei sua obra *Essay on Trinity* (Ensaio Sobre a Trindade). Depois, comprei na livraria uma fotocópia grampeada de *The End for Which God Created the World* (O Propósito Para o Qual Deus Criou o Mundo).

Enquanto isso, minhas aulas de teologia sistemática e exegese estavam desfazendo, com fatos bíblicos, minhas suposições arminianas. Ao final de três anos, não somente eu era um racionalista romântico, mas também o romance e o labor racional estavam agora centralizados firmemente na Palavra de Deus. Um Deus de graça totalmente soberano estava no centro. Ele havia planejado a morte de seu Filho para a minha salvação antes que o mundo fosse criado. E, se as piores e as melhores coisas foram planejadas, tudo foi planejado. Deus "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11).

Tudo isso estava sendo moldado enquanto eu ensinava na Escola Dominical, enquanto eu me apaixonava pela igreja sob o pastorado de Ray Ortlund e enquanto ouvia Ralph Winter descrever as novas realidades de missões ao redor do mundo. Nada a respeito de minha teologia incipiente parecia artificial, acadêmica, isolada e irrelevante. Toda ela parecia real, pessoal e relevante para a igreja, o lar, a cultura e todas as nações do mundo.

Mas, o que fazer com minha vida? O conselho que

recebi foi, se você tem energia e uma esposa que está disposta, prossiga e obtenha a sua graduação final (um doutorado); e, depois, todas as portas se abrirão para você. Portanto, depois de ter sido rejeitado em Princeton e aceito por Leonhard Goppelt na Universidade de Munique, viajamos para a Alemanha, em julho de 1971.

ESTUDOS DE DOUTORADO NA UNIVERSIDADE DE MUNIQUE

O que vi no sistema educacional teológico e na vida da igreja estatal na Alemanha confirmou muito daquilo que eu não pretendia me tornar. Ali estavam eruditos proeminentes, sobre os quais todos aqueles que estavam na vanguarda americana expressavam admiração e prazer, ensinando de uma maneira que era exegeticamente intransferível, insubmissa às Escrituras e indiferente à vida da igreja. Eu frequentei aulas universitárias em que alunos de ministério, que tinham 19 anos de idade, eram saturados com toda forma de criticismo da moda, enquanto os instrumentos para escavar o ouro das Escrituras não eram abordados, e as papilas gustativas para desfrutar do mel das Escrituras não eram aguçadas.

Recordo uma ilustração horrorosa do fruto dessa insensatez. Eu assisti a um culto de ordenação em que a maioria das pessoas na igreja era mulheres mais velhas. O ministro que visitava a igreja se levantou e anunciou

seu texto de "Q". Não estou brincando. Se você não sabe, "Q" é o nome erudito dado a um documento hipotético que contém partes de Mateus e Lucas não compartilhadas por Marcos. Não fiquei impressionado com a vida acadêmica e teológica na Alemanha, naqueles dias.

Escrevi minha dissertação sobre o mandamento de amor de Jesus,[7] cultuava a Deus em uma igreja batista viva, liderava um pequeno grupo de discipulado toda sexta-feira à noite e alimentava o fogo de minha fé lendo a Palavra de Deus e Jonathan Edwards. Mas os métodos exegéticos que vi na Alemanha não chegavam nem perto da mina de ouro teológica e metodológica que achei no seminário. Usei meu método de observação e análise ensinado por Fuller para pesquisar e escrever uma dissertação aceitável e deixei a Alemanha tão rápido quanto pude. Não tive de me empenhar muito para proteger-me desse sistema. Eu o vi de perto, do lado de dentro, e descobri logo que este rei global de erudição bíblica estava despido.[8]

Fiquei desiludido com tal erudição. Parecia ser norteada pela necessidade de aprovação dos nobres.

7 John Piper. *"Love your enemies"*: Jesus' love command in the synoptic gospels and the early christian parenesis. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

8 Quero realmente honrar meu falecido professor Leonhard Goppelt. Ele era, conforme meu discernimento, um verdadeiro homem piedoso, que tinha uma visão elevada do evangelho e do Senhor Jesus. Ele era extraordinariamente cortês e solícito para mim como estudante estrangeiro. Sua morte inesperada em dezembro de 1973 foi trágica, e foi por causa de sua alta estima perante os seus colegas que eu pude (com a ajuda de Georg Kretchmar) terminar meu doutorado.

Usava jargões técnicos que somente os de dentro podiam entender e que frequentemente ocultavam ambiguidade. Atribuía grande importância a metodologias especulativas (*Formgeschichte, Traditionsgeschichte, Redaktionsgeschichte e Sachkritik*) que deram origem a artigos eruditos que começavam no modo de *Wahrscheinlinchkeit* (probabilidade) e, no final, haviam sido transformados no modo de *Sicherheit* (certeza), por sacudir a varinha mágica do consenso erudito.

Havia o uso de habilidades linguísticas para criar imprecisão e ocultar superficialidade. Parecia-me que poucos insistiriam na questão real do significado até que ele entregasse as riquezas da verdade teológica. Todo o empreendimento não tinha o aroma do céu ou o odor do inferno, e não parecia haver qualquer preocupação com a perdição do mundo.

Exultação sobre qualquer coisa gloriosa não tinha lugar nas explicações deles – e isso significava que as maiores realidades eram deixadas sem explicação, porque há realidades tão elevadas que só podem ser iluminadas na luz da exultação. No geral, parecia haver pouca apreensão da incoerência entre o valor infinito do objeto do estudo e a natureza naturalista do estudo deles. Toda a atmosfera parecia desconectada da majestade do objeto.

Obtive meu doutorado. Eles o enviaram pelos correios alguns meses depois de eu haver deixado a

universidade. Eu o retirei do tubo postal no outono de 1974, para ver se era real. Coloquei-o de volta no tubo e desde então não o tenho olhado. Ainda está no tubo postal em uma gaveta lá em casa (eu acho), e ninguém jamais desejou vê-lo. Mas, pela graça de Deus, o doutorado conseguiu para mim o primeiro trabalho.

BETHEL COLLEGE

Eu tinha uma esposa, um filho e precisava de trabalho. Escrevi para cerca de trinta igrejas, denominações, missões, faculdades e seminários. No outono de 1974, uma porta se abriu para um trabalho de um ano como substituto durante as férias sabáticas do professor de Novo Testamento no Bethel College, em Saint Paul (Minnesota). Muito obrigado, Walt Wessel! Aceitei o trabalho e tenho estado em Minnesota desde então.

Aquele ano de férias sabáticas em que trabalhei como substituto se tornou seis anos felizes nos quais ensinei estudos no Novo Testamento e introdução ao Grego e ao Novo Testamento. Achei que essa era a minha vocação. Ser um professor e um mestre. Por isso, dispus-me a publicar minha dissertação na *SNTS Monograph Series* e escrevi diversos artigos em jornais eruditos. Esses foram dias estimulantes, enquanto eu abria minhas asas acadêmicas. Amava escrever. Amava ensinar.

No entanto, as coisas começaram a mudar dentro

de mim. Deus estava agindo. Eu sabia que nunca seria um grande mestre. Eu não podia ler muito rápido. Podia tomar um assunto menos importante, um artigo ou um livro e aplicar disciplina severa de análise e criticismo. Mas não podia ser abrangente. Não podia ler tudo que fora escrito sobre algum assunto.

Além disso, estava ensinando em uma faculdade, e não em um seminário, e o efeito gradual de meu ensino para o bem da igreja tinha de seguir mais etapas do que se eu estivesse ensinando alunos de seminário. Isso parecia frustrante.

Fiquei bastante inquieto com a obra de dar notas a teses e ensinar uma fatia limitada da torta da humanidade: classe média, principalmente caucasianos de 18 a 22 anos de idade. Enquanto isso, eu ouvia boa pregação no domingo e sentia um fogo em meu interior: *ó Senhor, gostaria muito de fazer isso.* E, se eu ouvisse um sermão ruim, eu sentiria: *ó Senhor, temos de fazer melhor do que isso!*

Então, vieram as férias sabáticas de maio a dezembro de 1979. Escrevi o livro *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9.1-23* (A Justificação de Deus: Um Estudo Exegético e Teológico de Romanos 9.1-23). Enquanto eu vivia e respirava o ar de Romanos 9 durante oito meses, o Senhor falou comigo de maneira poderosa, por meio das palavras desse capítulo. Ele disse: "Eu, o Deus de Romanos 9, serei

proclamado e não apenas analisado ou explicado". Perto do final daquelas férias, a batalha estava acabada, eu tinha resolvido deixar o ensino e procurar um ministério pastoral.

Eu anelava ver a Palavra de Deus sendo aplicada na pregação a todas as idades e situações da vida. Queria ver o Deus totalmente soberano de Romanos 9 edificando sua igreja. Queria ver o que aconteceria se a supremacia de Deus em todas as coisas se tornasse a principal característica de uma igreja local, por meio da Palavra de Deus.

Eu sabia que isso significaria deixar o mundo da academia. Significaria não ter mais verões livres para ler, estudar e escrever; pressões e desafios administrativos incessantes; uma agenda incontrolável; uma audiência que não desejaria ou recompensaria proeza acadêmica, e sim fervor e presença pastoral; funerais, casamentos, batismo, aconselhamento, visitas em hospitais e emergências, resolução de conflitos, gerenciamento dos empregados; pressão implacável para escrever um sermão, dois ou três por semana; e que estavam acabados os dias de publicar artigos na *NTS*, no *Scottish Journal of Theology* e no *Theologische Zeitschrift* – os dias de estar no mais alto nível de qualquer disciplina erudita estavam acabados.

Mesmo sabendo tudo isso, eu não pude resistir mais. A paixão por pregar e ver Deus moldar e fazer crescer uma igreja por meio da Palavra de Deus foi avassaladora.

BETHLEHEM BAPTIST CHRUCH

Assim, fui chamado à Bethlehem Baptist e comecei em junho de 1980. Eu tinha 34 anos de idade, era casado e tinha três filhos. A igreja tinha 110 anos de idade, e havia 300 pessoas velhas e quase nenhum jovem. O que eu tenho feito é tentar pregar todo o conselho de Deus com base em sua Palavra escrita, com uma paixão por Jesus e um amor por meu povo. Tenho tentado estruturar as coisas de modo que os membros sejam atendidos em suas necessidades, aprendam a cuidar uns dos outros e alcancem os perdidos.

Os impulsos de meus dias de ensino médio e de Wheaton ainda estão bem vivos. Sou um leitor (bem lento), um pensador, uma pessoa de emoções, um escritor, um amante da poesia e, espero, em todas essas coisas, um pastor leal que não abandona as ovelhas quando o inimigo vem. Tenho escrito todos os meus sermões em forma manuscrita (com poucas exceções) e tento escrevê-los com evidente arraigamento nas Escrituras, com pensamento claro, sentimentos fortes e surpresa imaginativa.

Parte 2: As raízes eruditas da alegria que exalta a Cristo

Talvez alguém pergunte: de que maneira estes 30 anos de vida pastoral têm sido a obra de um pastor-mestre? Tentarei responder assim – de modo que tenha o

mais amplo significado e utilidade para outros. No âmago de meu ministério, há a convicção (o que eu chamo de *Hedonismo Cristão*) de que *Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele.*

NÃO É ALGO NOVO

Esta afirmação-resumo tem sido o tema predominante de minha vida e ministério. É o toque de trombeta que ressoa por meio de tudo que digo. Não é algo novo. Tudo o que fiz foi colocá-la em forma de rima. E não fui, provavelmente, o primeiro a fazer isso. Edwards disse: "Deus é glorificado não somente por sua glória ser vista, mas também por *nos regozijarmos nele*".[9] Isto é o que estou tentando dizer para os nossos dias: *a glória de Deus é magnificada quando nos regozijamos nele.*

C. S. Lewis disse exatamente a mesma coisa, com muito mais clareza. Em seu livro sobre Salmos, ele escreveu:

> O catecismo escocês diz que o principal propósito do homem é "glorificar a Deus e gozá-lo para sempre". Mas sabemos que estas coisas são idênticas. *Gozar plenamente a Deus é glorificá-lo.* Em mandar-nos glorificá-lo, Deus está nos convidando a gozá-lo.[10]

---

9 Jonathan Edwards. Miscellanies. In: Thomas Schafer (Ed.). *The works of Jonathan Edwards, vol. 13.* New Haven, CT: Yale University Press, 1994. p. 495. Miscellany 448.

10 C. S. Lewis. *Reflections on the Psalms.* New York: Harcourt, 1958. p. 97. Ênfase acrescentada.

As implicações disso para o ministério permeiam tudo. Eu tenho procurado expor isso na maioria de meus livros. Esta é a razão por que eu escrevo – propagar esta convicção e esta experiência.

NOVA LINGUAGEM ANTIGA

Uma maneira pela qual a equipe pastoral na Bethlehem Baptist Church tem procurado manter este assunto no centro de todo o nosso ministério é desenvolver o vocabulário de *entesourar*. *Tesouro* é uma palavra maravilhosa na língua inglesa, assim como o é na língua grega (*thesaurus* e *thesaurizo*). Deus é infinitamente valioso como o maior tesouro do universo. Se você acha o reino de Deus, Jesus disse, isso é como achar um tesouro escondido num campo (Mt 13.44). Nossa vocação na vida é manifestar a grandeza do valor desse tesouro. A maneira como fazemos isso é *entesourar* o Tesouro acima de todas as coisas. Jesus disse: "E, *transbordante de alegria*, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo" (Mt 13.44). Essa alegria – quando perdemos o que o mundo precisa ter – é a maneira de vida incompreensível que faz o mundo perguntar: "Onde está a esperança de vocês?" (ver 1 Pe 3.15).

Em outras palavras, no âmago de *magnificar* o valor de Deus está o *sentir* o valor de Deus. Entesourando o Tesouro. Gozar a glória. Admirar a grandeza.

Saborear o banquete. Tudo isso é o precursor necessário do comportamento que glorifica a Deus. Se tentamos fazer obras "para a glória de Deus" sem entesourarmos a glória de Deus em nosso coração, isso é uma fraude. A palavra *hipocrisia* foi criada precisamente para satisfazer o esforço de dizer com obras o que não sentimos no coração.

ALEGRIA SINCERA E NÃO-ENTUSIASTA

Portanto, meu ministério é norteado pelo esforço de abolir essa hipocrisia. Focaliza a glória de Deus e a alegria da alma. E, é claro, essa alegria chora bastante. Não há nada entusiasta nela. Não vivemos em um mundo entusiasta, e Jesus não realizou uma salvação entusiasta, de maneira entusiasta. Tudo é sincero, até nossa brincadeira, até nossa gargalhada que demora tanto que faz nossos olhos ficarem vermelhos. A expressão de Paulo "entristecidos, mas sempre alegres" (2 Co 6.10) é a bandeira que tremula sobre a casa do hedonismo cristão.

O sabor de nossa alegria em Deus que glorifica a Deus é este:

> Todas as afeições graciosas que são um doce [aroma] para Cristo e que enchem a alma de um cristão com doçura e fragrância celestiais são afeições contritas. Um verdadeiro amor cristão, quer a Deus, quer ao homem, é um amor humilde e contrito.

> Os desejos dos santos, embora fervorosos, são desejos humildes; a esperança deles é uma esperança humilde; e *a alegria deles, embora seja indizível e cheia de glória, é uma alegria contrita e humilde* e deixa o cristão mais pobre de espírito, mais semelhante a uma criancinha e mais disposto a uma humildade de comportamento em todos os aspectos da vida.[11]

Portanto, durante 30 anos eu tenho tentado, com muita imperfeição e diversos fracassos, viver de acordo com a minha própria mensagem, penetrar o coração, despertar o tipo de afeições por Deus que se harmonizam com sua glória e criar vidas que o engrandecem. Isso tem sido baseado na convicção de que *Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele.*

A DESVANTAGEM DA INCLINAÇÃO PARA A ERUDIÇÃO

Ora, como isso se relaciona com o pastor como mestre? Por um lado, seu primeiro efeito é proteger a igreja dos perigos de uma inclinação para a erudição. Muitos pastores, especialmente aqueles que amam a gloriosa visão do ser de Deus, de sua beleza e de seu plano de salvação, têm uma inclinação para a erudição que ameaça intelectualizar

11 Jonathan Edwards. Religious affections. In: John Smith (Ed.). *The works of Jonathan Edwards, vol. 2.* New Haven, CT: Yale University Press, 1959. p. 348-349.

demais a fé cristã; isso significa que eles tornam a fé cristã principalmente em um sistema a ser meditado, e não uma maneira de vida a ser sentida e vivida. É claro que a fé cristã *é* tanto um sistema como uma vida. Mas o perigo é que se pode fazer toda a coisa parecer acadêmica, em vez de uma coisa real e arrebatadora do coração. Isso é o que o hedonismo cristão nos ajuda a evitar.

Onde a fé é intelectualizada demais, muitos santos comuns e autênticos podem sentir o cheiro do erro. Agindo de modo correto, eles começam a afastar-se, mas, infelizmente, para os piores extremos do emocionalismo. Mas, se o hedonismo cristão é vivo – ou seja, se a verdadeira alegria em Deus está viva para a glória de Deus –, acho que muitos santos famintos vão a um lugar em que mente e coração estão mais em equilíbrio e a realidade e o poder do Espírito Santo são anelados e apreciados.

Mas isso também pressupõe algo sobre a mente e o coração. Se a mente e o coração têm de estar em equilíbrio bíblico, qual é a função da mente no hedonismo cristão? É nesse ponto que o pastor como erudito começa a ter relevância.

A LIGAÇÃO ENTRE A ALEGRIA QUE EXALTA A CRISTO E O ESFORÇO DE ERUDIÇÃO

A pergunta agora é como a vida da mente se relaciona com o entesourar a Cristo – como o pensar se relaciona

com a alegria em Deus. Eu responderia assim: *o pensar correto sobre Deus existe para prover sentimentos corretos para com Deus*. A lógica existe em benefício do amor. O raciocínio existe em benefício do regozijo. A doutrina existe em benefício do deleite. A meditação sobre Deus existe em benefício das afeições para com Deus. A mente existe para o propósito de servir o coração.

Portanto, conhecer a verdade é o meio apropriado de admirar a verdade. Tanto o pensar como o sentir são indispensáveis. Mas eles não são finais. O pensar existe para servir e admirar. O pensar tem o propósito de servir a adoração, o deleite e a satisfação em Deus.

O próprio Diabo tem muitos pensamentos corretos sobre Deus. Imagino que o Diabo é, em algumas doutrinas, mais ortodoxo do que nós – mais correto do que nós somos. Mas nenhuma dessas doutrinas produz na mente do Diabo amor a Deus, adoração a Deus e deleite em Deus. O Diabo crê que Jesus morreu e ressuscitou por pecadores. O Diabo crê que Jesus voltará. E o Diabo o odeia! Então, o saber coisas corretas sobre Jesus não produz automaticamente afeições corretas. Mas saber essas coisas corretas sobre Cristo é essencial para que tenhamos afeições corretas para com Deus.

Estou querendo dizer que a alegria que exalta a Cristo depende do pensar correto sobre Deus. Se Deus será glorificado em sermos satisfeitos nele, nossa satisfação nele tem de ser baseada na verdade. E a verdade é

o que achamos pelo uso correto da mente – pelo esforço de erudição.

ALEGRIA SEM BASES NÃO GLORIFICA

Tentarei ilustrar por que um deleite bem alicerçado e bem raciocinado honra a Jesus. Suponha que você esteja andando por uma rua, e alguém totalmente estranho se aproxima de você e lhe dá uma bolsa contendo dez mil dólares e lhe pede que deposite o dinheiro na conta bancária dele; e lhe dá o número da conta bancária e todas as senhas. Suponha que você não sabe, de modo algum, quem é esse homem.

Você lhe pergunta: "Quem é você e por que está me confiando dez mil dólares, em dinheiro, para eu depositar em sua conta bancária? Por que você não acha que eu roubarei o dinheiro?"

Ele diz: "Não tenho qualquer razão para confiar em você. Apenas senti fortemente em meu coração que você é uma pessoa digna de confiança".

Ora, a pergunta agora é: você se sente honrado por aquele sentimento forte no coração dele? Não. Você não se sente honrado. Ele é louco! É irracional! Não tem qualquer razão para confiar em você. Não conhece você. Ele não está usando sua mente. Não está sendo um bom "mestre". Não somos honrados por sentimentos bons e profundos para conosco, se eles não têm qualquer base.

Mas, suponha, quando você lhe pergunta: "Por que você está confiando em mim?", que ele responda: "Você não me conhece, mas tenho observado você em atividade por todo um ano, aprendendo sobre o seu caráter. Conheço muito bem você e descobri que você é uma pessoa confiável. Portanto, tenho uma confiança prazerosa de que você não se apropriará de meu dinheiro. Você é uma pessoa de caráter, e tenho razões para crer nisso".

Ora, você se sente honrado pelo sentimento de alegria no coração desse homem? Sim, você se sente. Porque as emoções dele para com você estão bem alicerçadas. Esses sentimentos prazerosos de confiança e segurança têm razões. São uma honra para você. Eles o glorificam. O estranho usou bem sua mente – ele foi um bom "mestre" – e esse esforço racional produziu uma alegria em seu caráter e confiança em sua fidelidade. Essa alegria o honra. Você é *glorificado*, por assim dizer, no fato de que ele é satisfeito em você.

Então, quando digo que *Deus é mais glorificado quando somos mais satisfeitos nele*, estou falando de uma satisfação bem alicerçada. Eu vejo coisas reais em Jesus e em Deus, o Pai; vejo razões reais para ser satisfeito nele. Por isso, minhas emoções são verdadeiramente uma honra para ele, porque estão baseadas em razões reais.

Portanto, a mente deve ser engajada em ver a realidade pelo que ela é e despertar o coração a amar a Deus por tudo que ele é. Se eu tivesse de afirmar o

papel de pastor-mestre, isso é o que eu diria. Devemos pensar correta e profundamente sobre a Palavra e o mundo com o propósito de ver a grandeza de Deus e suas obras (especialmente, a obra de Cristo), para que as afeições de nosso coração descansem em um fundamento seguro e Deus seja honrado pelo que sentimos por ele e pelos comportamentos que fluem deste coração.

A BASE BÍBLICA PARA O SERVIÇO DE ALEGRIA ERUDITO

O que eu gostaria de fazer no resto deste capítulo é mostrar, com base nas Escrituras, que o propósito de Deus para o pensar correto (erudição) é despertar e manter a satisfação em Deus que o glorifica. Nas Escrituras, há pelo menos nove indicadores desta convicção.

1 - ZELO COM ENTENDIMENTO

Considere os dois primeiros versículos de Romanos 10: "Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento". Esta passagem fala sobre um grupo de pessoas que têm zelo por Deus, e esse zelo não lhes faz nenhum bem! Eles não são nem

mesmo salvos! Sabemos que não são salvos, porque no versículo 1 o apóstolo Paulo orou em favor da salvação deles.

Então, evidentemente, o problema é, de acordo com o versículo 2, que o zelo deles não era de acordo com o entendimento. Por isso, embora o hedonismo cristão coloque grande importância no zelo (paixão) por Deus, podemos ver quão sem valor é esse zelo se não estiver alicerçado no verdadeiro entendimento. Então, o uso da mente para chegar ao verdadeiro entendimento é necessário para que nossa satisfação em Deus seja uma honra para ele.

2 - ENTENDER EM E POR MEIO DO PENSAR

Em seguida, considere 2 Timóteo 2.7. Paulo disse a esse jovem discípulo Timóteo: "Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas". Entender é um dom de Deus. Isso está na segunda metade do versículo 7: "O Senhor te *dará* compreensão em todas as coisas". Muitas pessoas creem nisso. E acham que entendimento lhes será dado sem pensarem. Mas isso é o oposto do que Paulo disse!

Você observou a palavra "porque" no início da segunda metade do versículo? "... *porque* o Senhor te dará compreensão em todas as coisas." Em outras palavras, *porque* Deus dá compreensão, pense no que Paulo disse!

Não diga: "Porque Deus dá entendimento, eu não preciso pensar". E não diga: "Porque estou pensando, Deus não precisa me dar entendimento; posso obtê-lo por mim mesmo". Deve haver *tanto* o nosso pensar *como* o outorgar de Deus, e não apenas *uma* ou *outra* dessas duas coisas.

Pense no que o apóstolo disse, *porque* em e por meio de nosso pensar Deus nos dá entendimento. Por isso, quando estou preparando um sermão, abro minha Bíblia, ou consulto meu programa de computador sobre a Bíblia, ou começo a pensar sobre as palavras, conjunções, frases e a ordem das preposições.

Em intervalos regulares, eu paro e digo: *ó Deus, abre meus olhos; dá-me luz! Faze-me ver o que está realmente aqui! Sei que sou dependente do Espírito Santo para ver a verdade que está aqui.* Mas isso não me faz parar de pensar! Porque Paulo disse: "Pondera o que acabo de dizer". Pensar intensamente sobre a verdade bíblica é o meio pelo qual o Espírito Santo nos mostra a verdade.

3 - A VIDA É DADA POR MEIO DE ARGUMENTAR

Agora, abra sua Bíblia em Atos 17. O apóstolo Paulo entrou repetidas vezes na sinagoga a fim de persuadir os judeus a se tornarem cristãos. Ora, como ele fazia isso? Atos 17.2-3 diz: "Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido

necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio".

Paulo sabia que esses incrédulos eram cegos, surdos e mortos em suas ofensas e pecados. Então, talvez alguém pergunte: se todas essas pessoas eram cegas, surdas e mortas, por que ele estava argumentando com elas? A pergunta é: se Paulo acreditava que esses incrédulos eram cegos – espiritualmente cegos –, surdos e mortos, por que ele lhes pregou a Palavra?

A resposta é que Deus determinou usar meios para dar vida. Ele planejou que a vida seria dada e a verdade seria outorgada por meio do argumentar de Paulo. O apóstolo Paulo sabia que, de acordo com 1 Pedro 1.23, somos nascidos de novo por meio da mensagem de Deus no evangelho. Portanto, o novo nascimento é um milagre sobrenatural realizado pelo Espírito Santo. Mas Deus o opera por meio da argumentação sobre o evangelho.

Você lembra o que Lucas disse, em Atos 16, sobre o modo como Lídia foi salva? Paulo achou um grupo de mulheres à beira de um rio e compartilhou o evangelho com elas. Ele argumentou com elas, usando sua mente e sua boca. Lídia estava ouvindo, com sua mente, uma apresentação racional do evangelho. E Lucas disse: "O Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia". Portanto, precisamos ter ambas as operações: a mente de Paulo transmitindo o

evangelho em palavras entendíveis para a mente de Lídia *e* o Espírito Santo abrindo o coração de Lídia para receber o evangelho. Não haveria alegria e esperança que glorificam a Jesus se não houvesse a obra da mente de Paulo e de Lídia.

4 - JESUS PRESSUPÔS A LÓGICA

Veja agora Lucas 12. Meu argumento neste ponto é que Jesus supôs que a mente humana usa a lógica e considerou as pessoas responsáveis por usarem bem a sua lógica. Às vezes, pessoas me dizem que a lógica aristotélica é ocidental e grega, não hebraica ou bíblica, e, portanto, não tem lugar na apresentação do evangelho.

Explicarei o que quero dizer ao falar em lógica aristotélica. Todos sabemos o que é um silogismo. Premissa número 1: *Todos os homens são mortais*. Premissa número 2: *Platão é um homem*. Conclusão: *Platão é mortal*. Isso é um silogismo. Aristóteles é famoso por notar isso. E, creio, isso veio de Deus.

Ora, você tem de decidir: Deus nos considera responsáveis por pensarmos com esse tipo de clareza? Deus ficaria satisfeito se você usasse um silogismo como este: *Vacas têm quatro patas. Meu cachorro tem quatro patas. Portanto, meu cachorro é uma vaca*? Acho que Deus não ficaria satisfeito se você pensasse dessa maneira. Isso é lógica horrível. É o tipo de lógica que bandidos usam

para colocar você na prisão de um ditador e não lhe oferece nenhum recurso para "argumentar".

É claro que você deve se importar pouco com minha opinião sobre lógica. Mas deve se importar muito com a opinião de Jesus sobre lógica. Então, ouça cuidadosamente Lucas 12.54-57:

> Disse [Jesus]... às multidões: Quando vedes aparecer uma nuvem no poente, logo dizeis que vem chuva, e assim acontece; e, quando vedes soprar o vento sul, dizeis que haverá calor, e assim acontece. Hipócritas, sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu e, entretanto, não sabeis discernir esta época? E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?

Observe o silogismo implícito no versículo 55. Jesus estava dizendo àquelas pessoas: vocês são realmente bons em usar a mente em assuntos como o clima. Então, aqui está o silogismo. Premissa número 1: *sempre fica quente quando sopra o vento sul.* Premissa número 2: *um vento sul está soprando.* Conclusão: *será quente hoje.*

Ora, isso é lógica aristotélica, que eu creio, sendo corretamente construída, vem da mente de Deus e foi confirmada pelo exemplo de Jesus, que considerou aquelas pessoas responsáveis por usá-la bem.

O que vocês acham que Jesus quis dizer no versículo 57? "E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?" A mente de vocês é tão eficaz quando lida

com as coisas naturais! Mas, quando a mente de vocês é aplicada às coisas espirituais, vocês não pensam com clareza, de maneira alguma! Isso é semelhante à condição de pessoas contemporâneas que são capazes de fazer coisas científicas admiráveis – criar remédios, criar computadores, colocar pessoas no espaço. O homem secular, sem o evangelho, usa sua mente de maneiras admiráveis. Acho que Jesus diria a uma pessoa secular educada na universidade: "Por que você não usa sua mente brilhante para entender-me e conhecer-me?" É para isto que a mente existe – conhecer a verdade e despertar afeições para com Deus que correspondam à sua grandeza.

5 - O USO DA MENTE QUE JESUS ODEIA

Agora, considere Mateus 21.23-27. Há um uso da mente que Jesus odeia. E, quando olhamos este parágrafo, quero que você pergunte: *o que estes homens faziam com suas mentes e que Jesus abominou?*

> Tendo Jesus chegado ao templo, estando já ensinando, acercaram-se dele os principais sacerdotes e os anciãos do povo, perguntando: Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu essa autoridade? E Jesus lhes respondeu: Eu também vos farei uma pergunta; se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. Donde era o batismo de João, do céu ou dos homens? E discorriam entre si:

> Se dissermos: do céu, ele nos dirá: Então, por que não acreditastes nele? E, se dissermos: dos homens, é para temer o povo, porque todos consideram João como profeta. Então, responderam a Jesus: Não sabemos. E ele, por sua vez: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas.

O que eles faziam com sua mente? Eram bem espertos. E diziam: "Se lhe dermos esta resposta, seremos apanhados, porque não cremos. Mas, se lhe dermos outra resposta, também seremos apanhados, porque as pessoas ficarão iradas conosco. Então, como podemos nos livrar desta situação? Vamos usar nossa mente para nos livrar. Eis uma boa maneira de livrar-nos. Nós diremos: *Não sabemos*".

Falando com franqueza, esse comportamento me deixa irado. Estamos cercados de pessoas como esses homens. Em vez de usarem sua mente para chegar a fortes conclusões, assumirem as implicações e sofrerem pelo que é verdadeiro, elas se inclinam frequentemente a escapar da verdade. Não seja assim, pois isso péssima é erudição! Se a sua mente, ao estudar a verdade, o leva a uma convicção que o colocará em problemas, creia na verdade! Fale a verdade! Há tantos pastores que escondem suas convicções de seu povo porque temem conflitos.

Eis um versículo que é o oposto da maneira como esses homens usaram sua mente – 2 Coríntios 4.2:

"Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade". Essa é uma bela descrição de um pastor piedoso. Quero ser esse tipo de pregador. Quero comparecer diante de Deus, no último dia, e dizer: *tentei ser fiel e deixar as pessoas pensarem de mim o que quisessem*. Não quero ser o tipo de pastor que está sempre observando o que as pessoas dirão e, depois, regendo o que sai de sua boca pelo que as pessoas dirão.

Portanto, boa erudição – o bom uso da mente em buscar e achar a verdade – está a serviço do ministério honesto e corajoso. E o alvo desse ministério, seja bem-sucedido ou não, é colocar a alma das pessoas em uma base sólida. O alvo é que grandes afeições para com Deus sejam despertadas por meio da verdade, sendo vista com clareza e falada corajosamente.

6 - A PERGUNTA RETÓRICA DE PAULO

Em suas cartas, Paulo usou 13 vezes a pergunta retórica "Não sabeis?" Darei alguns exemplos. Não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo? (1 Co 6.19). Não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? (1 Co 6.2). Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? (1 Co 6.15). Não sabeis que um pouco

de fermento leveda a massa toda? (1 Co 5.6). Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? (1 Co 6.9).

Paulo usou essa pergunta 13 vezes. O que ele pensava enquanto fazia isso? Ele pensava: "Se vocês *sabem*, deveriam agir de modo diferente! Se *sabem* estas coisas, o coração de vocês deveria ser diferente!". Paulo escreveu suas cartas para ajudar os cristãos a possuir o tipo de *conhecimento* que mudaria a vida deles. Essa é maneira como transformamos nossas igrejas. Não as manipulamos e as coagimos para agirem de certas maneiras. Procuramos despertar afeições no coração, pois do coração a boca fala e o corpo age.

Uma vez, minha esposa e eu visitamos uma igreja na Carolina do Norte, durante as férias. Minha esposa, que é muito tolerante, saiu da igreja dizendo: "Acho que nunca mais voltaremos aqui". Ela estava sendo muito franca. O pregador gastou todo o seu sermão repreendendo as pessoas para que viessem às reuniões da semana, na quarta-feira à noite! E repreendendo-as para que contribuíssem com dinheiro!

Sentamos lá pensando: *isso não é proveitoso!* Queríamos sair. E as pessoas *estavam* saindo. E a única coisa que ele sabia fazer para impedi-las de sair era dizer-lhes: *Não saiam! Sair não é correto!* Isso não foi o que Paulo disse. Paulo disse: "*Vocês não sabem* que é melhor dar do que receber? Quero que vocês conheçam a alegria de dar. Eu os amo. Quero que conheçam esta bênção".

Não tentem manipular as pessoas. Não tentem coagir as pessoas e levá-las a fazer coisas. Isso tem de vir do interior, do coração delas. E isso significa que elas precisam de conhecimento que desperta amor.

As afeições das pessoas são mudadas pelo que elas sabem. O conhecimento não é, em si mesmo, suficiente, como já vimos (o Diabo tem bastante conhecimento), mas é necessário. O Espírito Santo usa o conhecimento para despertar novos desejos, novas admirações, novas alegrias. É assim que Deus é exaltado em comportamentos mudados.

7 - PASTORES APTOS PARA ENSINAR

A Bíblia ensina, em Efésios 4.11, que Jesus deu à sua igreja pastores e mestres; e nos diz que estes pastores e mestres devem ser aptos "para ensinar" (1 Tm 3.2). Devem ser bons mestres. Por isso, todos nós, pastores, devemos pensar: Deus me deu como um dom para minha igreja. Ele está me dizendo: *a maneira como você será um dom para a sua igreja é ser um mestre eficiente.*

Acho que isso sugere que as pessoas comuns nos bancos da igreja precisam de ajuda para entender a Bíblia. Se as ovelhas não precisassem entender a Bíblia, Deus não teria dado pastores que são aptos para ensinar. Os pastores apenas leriam a Bíblia no domingo de manhã, e as pessoas veriam e sentiriam tudo o que

necessitassem. Nem pregação nem ensino seriam necessários. Mas não foi assim que Jesus designou as coisas.

O trabalho do pastor consiste em estudar a Bíblia, trabalhar com afinco para entender o que ela diz realmente e, depois, empenhar-se para torná-la compreensível, atraente e convincente ao seu povo. A história contada em Lucas 24.32 deveria despertar em todo pastor uma paixão por uma exposição da Bíblia que cative a mente das pessoas e faz arder o coração delas. Os homens na estrada de Emaús disseram: "Porventura, não nos ardia o coração, quando *ele*, pelo caminho, *nos falava, quando nos expunha as Escrituras*?" Poucos meses atrás, quando li essas palavras, escrevi em meu diário: "Ó Deus, faze de mim esse tipo de mestre. Desejo que o coração de meu povo seja aquecido quando eu lhes expor as Escrituras".

Esta é a função do entender, do pensar e do ensinar (da erudição): fazer os corações arderem para Deus.

8 - ESFORÇO MENTAL NECESSÁRIO PARA EXPOR TODO O CONSELHO DE DEUS

Há uma afirmação em Atos 20.27 que é muito importante neste assunto. Paulo estava falando com os presbíteros de Éfeso e lhes disse: "Nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus" (ARC). O que é este "todo o conselho de Deus"? Não temos espaço aqui para desenvolver o assunto em sua inteireza, mas uma

implicação é clara: ensinar ao nosso povo todo o conselho de Deus exige tremendo esforço mental para achá-lo na Bíblia.

Em um sentido, a Bíblia é, em si mesma, todo o conselho de Deus. Mas esse não era o significado das palavras de Paulo nessa ocasião. O conselho de Deus é muito grande. Paulo não leu toda a Bíblia para eles. Paulo os ensinou com base na Bíblia (At 19.9). Tem de haver uma maneira fiel de resumir tudo isso no que chamamos de todo o conselho de Deus coerente e unificado. E argumento que é necessário esforço mental para achar o que é o conselho de Deus e desenvolvê-lo de maneira compreensível e compartilhável.

Não lemos a nossa Bíblia uma, duas ou dez vezes e, repentinamente, sabemos todo o conselho de Deus. Temos de fazer perguntas difíceis a respeito de como as diferentes partes da revelação se harmonizam. Isso é chamado de "erudição". Não precisamos estar na escola. Só precisamos ser cuidadosos, honestos, observadores, sintetizadores e construtivos. É uma obra da mente. E o seu propósito é abençoar o coração de nosso povo.

Penso que essa é a razão por que, em 2 Timóteo 2.15, Paulo chama o expositor bíblico de "*obreiro* que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade". Um "obreiro". Manejar bem a palavra da verdade exige *trabalho* mental árduo. Não permita que alguém lhe diga que o trabalho mental árduo não seja espiritual. Estamos usando nossa mente para entender

a Palavra de Deus e, em oração, dependemos do Espírito Santo para guiar nossa mente.

9 - O TRABALHO MENTAL ÁRDUO DA LEITURA

A Bíblia é um livro. Jesus veio em carne e foi chamado de *a Palavra de Deus*. Ele ensinou muitas coisas e fez muitas coisas. Ele morreu pelos pecados e ressuscitou. Fundou a igreja e derramou o Espírito Santo. Todo esse falar e fazer em que se fundamenta a igreja está preservado em um livro. Meu nono ponto é apenas isto: ler bem um livro substancial é trabalho mental árduo.

Aprendemos nossa língua nativa quando éramos bem novos – antes dos cinco anos de idade. Não sabíamos o que estávamos fazendo quando a aprendemos. Por isso, a maioria de nós presume que ler é algo que acontece naturalmente. Contudo, há mais do que um tipo de leitura. Um tipo é passivo e envolve muito pouco esforço enérgico para entendermos. Apenas tomamos um livro e deixamos que a leitura aconteça.

No entanto, há outro tipo de leitura que é bastante ativa, aprofunda-se na mente do autor e quer entender tudo que vê. Talvez pareça estranho dizer isso, mas uma das coisas mais eruditas que aprendi foi que muitas partes da Bíblia (como as epístolas de Paulo e os sermões de Jesus) são menos semelhantes a colares de pérolas e mais semelhantes a cadeias de aço. Ou seja, os autores

simplesmente não dão uma sequência de gemas espirituais; eles forjam uma cadeia de argumentação lógica. Suas afirmações se mantêm juntas. Estão vinculadas. Uma se conecta a outra, e essas duas se conectam a outra, e essas três se conectam a outra e assim por diante, à medida que o argumento inseparável de verdade gloriosa se estende por toda uma passagem. E quando o Espírito Santo ilumina nossa mente, essa cadeia de argumentação é revelada.

Leitura rigorosa – leitura erudita – traça essas linhas de argumentação. Considere Romanos 1.15-21. Reproduzi esta passagem mostrando cada proposição em uma linha separada, indicando o número dos versículos à esquerda. Cada proposição começa com um conector lógico ("pois", "isto é", "como", "porque", "desde"), que aparece em negrito. Essas pequenas palavras estão entre as mais importantes da Bíblia. Elas nos mostram como as afirmações estão relacionadas umas com as outras.

Por exemplo, o versículo 16b nos dá a *razão* por que Paulo não se envergonhava do evangelho (16a) – ou seja, porque o evangelho é o poder de Deus para a salvação. O versículo 19a nos dá a razão por que a ira de Deus é revelada com justiça contra *toda* a impiedade que há no mundo, mesmo entre as pessoas que não têm acesso à Bíblia (v. 18) – ou seja, porque o que precisam saber para serem consideradas responsáveis é claro para elas. E os versículos 19b a 20b nos dizem por que isso é claro para elas – ou seja, porque Deus o revelou nas coisas que criou.

15 Estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma.
16 **Pois** não me envergonho do evangelho,
16b **porque** é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê,
16c [**isto é**] primeiro do judeu e também do grego;
17a **visto que** a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé,
17b **como** está escrito: O justo viverá por fé.
18 A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça;
19a **porquanto** o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles,
19b **porque** Deus lhes manifestou.
20a **Porque** os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem,
20b **desde** o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas.
20c Tais homens são, **por isso**, indesculpáveis;
21a **porquanto**, tendo conhecimento de Deus,
21b não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças;
21c **antes**, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios,
21d obscurecendo-se-lhes o coração insensato.

Assim, a cadeia de argumentação cresce. Palavras se tornam afirmações, e as afirmações são ligadas para formar unidades maiores. E essas unidades maiores são ligadas para formar todo o livro de Romanos. A lição aqui é apenas esta: visto que muito do que está na Bíblia foi escrito desta maneira, os pastores são chamados a traçar esses argumentos com leitura ativa, cuidadosa, rigorosa e explicar as afirmações, as conexões e as unidades maiores ao seu povo; e, depois, aplicá-las à vida deles. Esse tipo de leitura é bastante exigente; ela é a maior parte do que eu chamaria de "erudição".

Tudo isto está envolvido no fato de que, através dos séculos, Deus se revelou à igreja em um livro. Ele não tinha de dar um livro à igreja. Poderia ter-se revelado de outra maneira. Poderia apenas ter dado sonhos diários ao seu povo. Poderia ter feito aparecer dramatizações no céu. Poderia ter-se comunicado para um grupo seleto de pessoas que tinham um conhecimento secreto, fazendo-os memorizar tudo e transmiti-lo para outro grupo seleto de pessoas em cada geração. Ele poderia ter-se comunicado conosco da maneira que quisesse. E o fez em um livro.

Esta é a razão por que, em todo lugar por onde a igreja cristã se espalhou, há não somente igrejas e hospitais, mas também escolas – lugares de ensino básico e, também, de erudição avançada. É porque somos

dependentes de um livro. Visto que nossa fé está fundamentada no entendimento de um livro, queremos que as pessoas aprendam a ler, tenham a Bíblia em seu idioma e, depois, aprendam como pensar atenta e doutrinariamente sobre o livro.

Portanto, a própria existência da Bíblia como um livro indica que o pastor é chamado a ler cuidadosa, exata, completa e honestamente. Ou seja, ele é chamado a ser um "mestre".

RESUMINDO

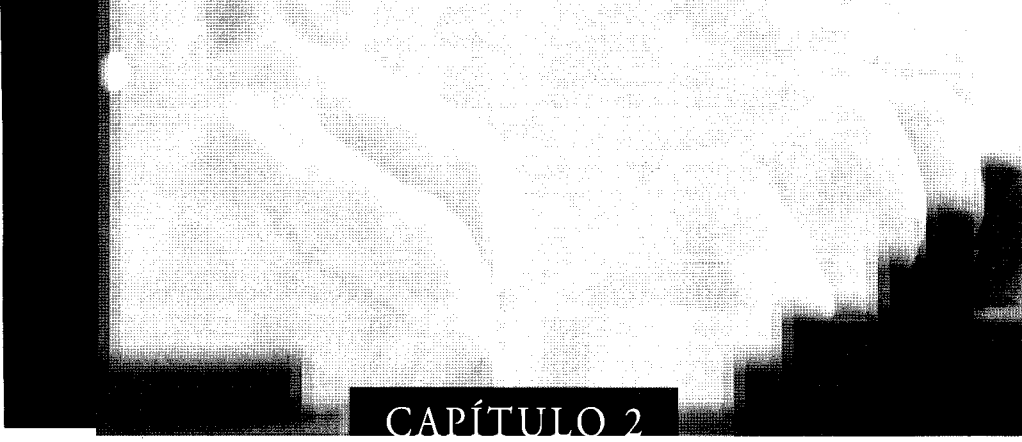
Uma das maneiras de dar sentido a este capítulo é dizer que suas duas partes refletem as duas coisas que me aconteceram nos primeiros 34 anos de minha vida – a caminho do pastorado. Essa história é a história do surgimento de um pastor que tem um desejo intenso de alegrar-se em Deus e uma inclinação racional que o torna menos útil em muitos contextos e mais útil em poucos contextos. A segunda metade deste capítulo é uma exposição destas duas características – alegria e pensar.

Com base em minha perspectiva finita e imperfeita, parece-me que o que Deus estava fazendo em toda a minha vida era me preparando para ver, pensar sobre, provar e proclamar a verdade de que *Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele*. A primeira metade deste capítulo descreve o surgimento de uma

alma pecadora que pensa, sente profundamente e ama falar e escrever sobre o que pensa e sente. A segunda metade do capítulo descreve como o pensar serve ao sentimento no mistério da Palavra.

Se eu sou mestre, isso não se dá porque, em algum sentido, procuro estar na vanguarda quanto à disciplina dos estudos bíblicos e teológicos. Sou muito limitado para isso. O que "mestre" significa para mim é que o maior objeto do conhecimento é Deus, que ele se revelou a si mesmo com autoridade em um livro e que devo trabalhar, com toda a minha força, todo o meu coração, toda a minha alma e toda a minha mente, para conhecê-lo, gozá-lo e torná-lo conhecido para alegria de outros.

Este é certamente o alvo de todo pastor.



CAPÍTULO 2

O Mestre como Pastor: Lições da Igreja e da Academia

D. A. Carson

Para provar quão admiravelmente posso destruir princípios homiléticos fundamentais, prosseguirei com uma introdução dividida em cinco partes, seguida por um corpo principal que contém um número apostólico de pontos. Tendo em vista meus objetivos, não contarei o apóstolo Paulo. Assim, haverá somente doze pontos. Mas, primeiramente:

Parte 1: Introdução

1) *O pastor como mestre e o mestre como pastor*. Começar por uma crítica ao título é geralmente impróprio e desnecessário, mas, neste caso, há uma ambiguidade que precisa ser exposta. Na Inglaterra, onde vivi por nove anos, esse título poderia ser considerado presunçoso. Lá, *mestre (scholar)* não é uma palavra pela qual você definiria a si mesmo; em vez disso, é uma palavra que outra pessoa poderia usar sobre você, se você fosse excepcionalmente dotado em seu campo de conhecimento. Em outras palavras, na Inglaterra, *mestre / erudito* tende a ser uma medida da competência de alguém; a palavra usada para o papel correspondente é provavelmente *acadêmico*. Então, o título deste livro poderia ser transformado em *O Pastor Como Acadêmico e o Acadêmico Como Pastor*?

Ora, podemos ver que há um assunto em jogo que vai além da palavra preferida por ambos os lados do Atlântico. Normalmente, pensamos num "acadêmico" como alguém que tem um posto numa instituição acadêmica. Nesse sentido, um acadêmico não é um pastor, a menos que seja um pastor bi-vocacional e de ministério de tempo parcial. Em contrário, um pastor vocacional, de ministério de tempo integral, não é um acadêmico, exceto talvez no sentido de oferecer alguns cursos de tempo parcial em um ambiente acadêmico.

Imediatamente, a discussão se torna ainda mais complicada, quando lembramos como algumas grandes igrejas, incluindo a Bethlehem Baptist Church, onde John Piper serve, começaram suas escolas de treinamento, neste caso, o Bethlehem Institute, que no presente está se transformando no Bethlehem College and Seminary. Este departamento da Bethlehem Baptist Church é chamado corretamente de instituição acadêmica? Se isso é verdade, quando falamos de pastores-acadêmicos ou de acadêmicos-pastores, deve haver algum tipo de filiação institucional para as categorias assumirem seu significado?

Para que não nos revolvamos em um lamaçal semântico, abandemos o termo *acadêmico* e voltemos rapidamente à palavra *mestre*, reconhecendo que, mesmo aqui nos Estados Unidos, ela pode referir-se ou a um papel acadêmico ou a um grau relativamente avançado de competência em um campo específico. O título talvez pareça autopromovedor aos ouvidos ingleses, mas a agradável ambiguidade implica que, ao falarmos sobre isso, ou seja, um pastor-mestre, não estamos *limitados* a falar sobre filiações institucionais ou coisa semelhante (embora possamos incluir essas reflexões); e, sim, a respeito da obra pastoral na estrutura de uma competência técnica mais avançada do que o normal – uma competência que pode ou não ter uma expressão institucional.

ELE DÁ DONS DIFERENTES

2) Este é o momento, eu acho, de reconhecer que Deus distribui dons altamente diferentes. Portanto, uma das coisas que este livro *não* pode fazer é dar a impressão de que há somente um caminho legítimo para desenvolver a vocação pastoral e a acadêmica. Arnold Dallimore foi um pregador batista que obteve treinamento teológico com meu pai. Sua única graduação, seu maior grau, foi um bacharelado em teologia. Por quarenta anos, ele serviu a uma pequena igreja na cidade de Cottam (em Ontário). Todavia, ele se dedicou também à tarefa de conhecer bem materiais sobre George Whitefield. Isso se tornou um hobby para ele, um desafio de verão, um alvo da vida. Ele viajou frequentemente à Inglaterra, esquadrinhou arquivos, achou material que nenhum livro jamais havia usado e escreveu sua magnífica biografia de George Whitefield, em dois volumes.[1] Poucos livros me fazem chorar, mas numa ocasião essa biografia fez isso. Por toda a sua competência técnica e grande documentação, ele me fez louvar, mais do que uma vez, dizendo: *Ó Deus, faça-o de novo!*

No entanto, ninguém insiste em que todo pastor tem o dom intelectual e persistência duradoura para fazer a

1 Arnold A. Dallimore. *George Whitefield:* the life and times of the great evangelist of the eighteenth-century revival, vols. 1 and 2. Banner of Truth, 1970, 1980.

pesquisa e a escrita que esse projeto magnificente exigiu. John Piper obteve treinamento avançado em Munique. Sabe-se que ele escreveu poesia *em alemão*. Poucos de nós podemos afirmar que possuímos semelhante habilidade de pesquisa e de escrita. Tim Keller tem ensinado em um seminário, mas por anos tem servido como pastor – mas qual de nós não admira a sua obra *The Reason for God* (A Razão para Deus),[2] que é, desde *Mere Christianity* (Mero Cristianismo),[3] de C. S. Lewis, provavelmente o mais importante livro apologético para os que estão fora da igreja. Esses são tipos de exemplos que poderiam ocorrer a alguém quando pensa sobre "o mestre como pastor"?

Meu propósito em alistar esses homens é duplo: *primeiro*, mais significativos do que a educação formal são os dons de curiosidade e rigor intelectual, de ênfase e perseverança, de pesquisa isolada e escrita, os quais alguns têm e alguns não; *segundo*, embora alguns desses dons possam ser cultivados e nutridos, precisamente porque alguns os têm e alguns não os têm, não seria sensato estabelecer um padrão arbitrário, como se pudéssemos e devêssemos obtê-los. Não faz sentido fingir que você é algo que você não é. Alguns eruditos nunca mostrarão grandes dons pastorais; alguns pastores nunca funcionarão como eruditos dotados.

2 Timothy Keller. *The reason for God:* belief in a age of skepticism. New York: Dutton, 2008.

3 C. S. Lewis *Mere christianity.* San Francisco: Harper-One, 2001. Reimpressão.

UM TEXTO ABUSADO FREQUENTEMENTE

3) Não devemos avançar sem algumas reflexões sobre um texto abusado frequentemente e que se aplica ao nosso tema. Há uma tradição evangélica que considera o que Jesus chamou de "primeiro" e "principal" mandamento como uma autorização para todo empreendimento intelectual cristão. Jesus não nos instruiu sobre este assunto? Ele disse que o mandamento mais importante é este: "Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força" (Mc 12.29-30). Aqui há, certamente, um mandado do senhor para a erudição evangélica.

Bem, sim e não. As palavras de Jesus colocam grande ênfase sobre o pensamento, sobre engajarmos todo o nosso ser, e focalizam-se em como *pensamos* quando amamos a Deus – mais do que as nossas traduções da Bíblia nos permitem perceber. Em nossa língua nativa, amar a alguém com nosso coração (como em "Eu amo você de todo o meu coração") indica emoções: o coração se torna o foco do engajamento emocional, enquanto a mente se torna o foco do engajamento mental ou cerebral. Mas, na Bíblia, o "coração" é o centro de todo o nosso ser, e não apenas das emoções. Em outras palavras, é muito próximo do

que queremos dizer ao usarmos a palavra "mente", exceto que inclui emoções, vontade e sistema de valores.

Portanto, amar a Deus de todo o nosso *coração*, de toda a nossa alma, de todo o nosso *entendimento* e de toda a nossa força inclui uma grande ênfase no que e como pensamos. As outras duas palavras – *alma* e *força* – indicam intensidade, engajamento total. Evidentemente, isso significa que usar nossa mente e vontade de maneira indolente, precipitada ou arrogante é não somente digno de compaixão, mas também beira à blasfêmia. E, visto que toda verdade é a verdade de Deus, não estamos longe da inferência de que todo empreendimento intelectual cristão oferecido com alegria e de coração a Deus – ou seja, toda a erudição cristã – está quase no âmago de nossa vocação. Quer você esteja fazendo a exegese de Salmos 110, quer esteja examinando as penas de um pica-pau, você deve oferecer a obra a Deus e ver esse esforço intelectual, essa erudição, como parte da adoração.

Não podemos esquecer que Marcos 12 e Deuteronômio 6, de onde Jesus extraiu o primeiro mandamento, não nos dizem que devemos usar nosso coração, mente, alma e força apenas para *entender* melhor a Deus. O mandamento é de *amarmos* a Deus. De fato, no contexto de Deuteronômio 6, esse amor é expresso em conhecer e seguir suas palavras, bem como em transmiti-las à geração seguinte. O amor a Deus nunca deve ser degenerado

em confissões de paixão sem pensamento, em tagarelice sentimental. Tem de ser moldado pelo pensar os pensamentos de Deus, conforme ele os pensa, e amá-lo precisamente em e por meio de conhecer suas palavras e deleitar-se nelas – é exatamente por isso que há tanta ênfase na mente e na vontade.

Então, só porque eu estudo a meia-vida de um quark, um pica-pau de crista, os registros do consistório de Genebra nos anos depois da morte de Calvino, a influência destrutiva de Richard Simon ou o infinitivo construto hebraico, isso não garante que eu amo melhor a Deus. De fato, isso pode me seduzir a pensar que sou mais santo e mais agradável a Deus, quando tudo que estou fazendo é agradar a mim mesmo: eu *gosto de* estudar. Afinal de contas, inúmeros secularistas são excelentes eruditos técnicos que amam seu trabalho, fazem descobertas excelentes e escrevem grandes volumes, sem iludir a si mesmos pensando que, por meio disso, provam que amam a Deus e merecem louvor elevado na esfera espiritual. Nada é tão enganoso como uma mente evangélica erudita que pensa estar especialmente próxima de Deus *por causa de* sua erudição, e não por causa de Jesus.

No entanto, uma vez que esta advertência foi dada, temos de repudiar imediatamente a oscilação do pêndulo que favorece o anti-intelectualismo. *Devemos* amar a Deus com nosso *coração* ou (no sentido bíblico) com nossa *mente*. Ou, novamente, a própria atividade de treinar

os outros envolve o uso mais íntimo da mente: "E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para *instruir* [o que, certamente, exige a vida da mente, embora exija mais do que isso] a outros" (2 Tm 2.2).

Em poucas palavras, as advertências bíblicas a respeito de como o conhecimento ensoberbece e de como o amor edifica (por exemplo, 1 Co 8) não desculpam o anti-intelectualismo. No lado oposto, os mandamentos bíblicos de amarmos a Deus com nossa mente não outorga à erudição um status elevado que a isenta da adoração, da fé, da obediência e do amor. Em algum nível, erudição sem humildade e obediência é arrogância. Falar em conhecer e amar a Deus sem erudição é ignorância.

FOCALIZANDO A ERUDIÇÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA

4) Até agora tenho abordado o assunto de maneira ampla. Tenho me referido a um amplo alcance de disciplinas eruditas, desde a ornitologia até à história da Europa e à exegese bíblica. Mas, no resto deste capítulo, focalizarei a erudição bíblica e teológica, incluindo aquelas disciplinas, como história da igreja e teologia histórica, que podem fortalecer mais diretamente a compreensão do pastor. Portanto, no aspecto institucional, não estou pensando primariamente em universidades,

cristãs ou não, e sim em seminários e instituições semelhantes. No que concerne aos tópicos, não estou focalizando cada disciplina, e sim aquelas que estão mais estritamente relacionadas ao ministério pastoral fiel. Evidentemente, a razão é que devo falar sobre o mestre como pastor. E duvido que o Henry Center, quando fez o seu convite para as preleções que resultaram neste livro, pensava em como físicos teóricos podem ser pastores bi-vocacionais fiéis.

Este é o momento em que eu devo provavelmente oferecer um esclarecimento maior. Aqui, não estou abordando disciplinas e hábitos envolvidos em como um erudito cristão deve funcionar *como um mestre*. Esse é um assunto muito importante, mas não é o único que abordarei aqui. Em vez disso, estou pensando no erudito bíblico e teológico *como pastor*.

MINHA PRÓPRIA PEREGRINAÇÃO

5) Talvez, eu deva dizer algo sobre a minha própria peregrinação. Como estudante universitário, fui para a McGill Univeristy, no Canadá, e estudei química. Minha intenção era obter um Ph.D. em síntese orgânica. Meu sonho foi obtê-lo na Cornell University. Os passos que o Senhor tomou para mover-me em direção ao ministério vocacional foram diversos. De início, o pastor da igreja que eu frequentava em

Montreal se aproximou de mim, numa primavera, e me disse que desejava que eu trabalhasse com ele, como estagiário, no verão. Eu lhe respondi que, devido ao grande número de jovens de idade universitária na igreja, ele me havia confundido com alguém que estava planejando ir para o ministério. Quanto a mim, estava me encaminhando para uma carreira em química. Ele persistiu, e eu também. Tivemos uma contenda de duas horas, e eu venci: fui para outra cidade naquele verão e trabalhei em um laboratório de química. Apesar disso, esse pastor, agindo indubitavelmente com base em 2 Timóteo 2.2, foi a primeira pessoa que me fez questionar a mim mesmo se eu não *devia* pensar sobre o ministério vocacional.

Algum tempo depois, eu estava trabalhando em um laboratório de química em Ottawa, a capital do Canadá. Eu apreciava plenamente o trabalho. Contudo, logo descobri que a maioria de meus colegas no laboratório podia ser dividida em dois grupos. Em um lado, estavam aqueles que odiavam seus trabalhos e estavam aguentando até que a aposentaria os livrasse daquilo; do outro lado, estavam aqueles para os quais a química era um deus. Eu não me encaixava em nenhum dos grupos. Enquanto isso, eu ajudava um jovem pastor em sua Escola Dominical, em um trabalho novo e experimental no vale onde ele tentava plantar uma igreja. E os desafios desse

ministério menos importante começaram a cativar mais de minha imaginação do que a química. Em algum momento naquele tempo, as palavras de uma canção que eu havia cantado como jovem ressoaram quase sem parar em minha mente:

> Quando olho para a sua face –
> Face bela, de espinhos sombreada –
> Quando olho para a sua face,
> Eu desejo lhe tivesse dado mais![4]

Evidentemente, eu sabia que algumas pessoas haviam sido chamadas para a química ou para se tornarem encanadores, enfermeiras ou mecânicos. O velho sentido de *vocatio* é importante: todos nós, em qualquer vocação que tivermos, devemos oferecer nosso trabalho com gratidão e fidelidade a Deus, como um componente de nossa adoração reverente, quer trabalhemos na coleta de lixo, quer na fabricação de violinos. Mas, no meu caso, eu podia imaginar-me comparecendo diante do tribunal de Cristo e dizendo: "Eis aqui, ó Deus, a minha química", sem a reflexão adequada quanto ao que mais eu poderia ter oferecido.

Depois, no começo do outono daquele ano, ouvi um

4 Parte da canção "I'll Wish Had Given Him More". Palavras e música de Grace Reese Adkins © 1948 (renovado em 1976, Lillenas Publishing Co). Disponível online em: <http://hymnal.calvarybaptistsv.org/393.html>.

missionário chamado Richard Wilkerson pregar sobre Ezequiel 22.30: "Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei". Isso me impactou fortemente. Foi como se Deus estivesse, pelo seu Espírito, me impelindo a dizer: "Eis-me aqui, envia-me!"

Quando o Senhor me chamou para o ministério – a biografia sucinta não mostra como aquele foi um tempo estranho e complicado em minha vida –, meu alvo era pregar, pastorear e plantar igrejas. Eu não tinha qualquer intenção de buscar graduação avançada em estudos bíblicos ou teologia. Mas, alguns anos depois, enquanto eu servia numa igreja na área metropolitana de Vancouver, pediram-me que trabalhasse, de vez em quando, como professor substituto em uma pequena faculdade batista local. Eu apenas cobria a função de alguns membros do corpo docente, quando ficavam doentes, ou provia informações como um pastor local.

Quando uma vaga normal se abriu na faculdade, o deão me pediu para ocupar o posto. Rejeitei. Eu era um pastor e apreciava o ministério; esse era o meu forte. Entretanto, o convite serviu para fazer-me perguntar se eu não devia obter mais treinamento enquanto eu ainda era jovem e solteiro. A nossa igreja estava crescendo; tínhamos comprado uma propriedade vizinha, um precursor para expansão. Compreendi que, se eu ficasse

por mais um ano, teria de ficar por mais cinco, porque, considerando todas as coisas, não sair no meio de grande expansão é sábio e prudente.

Encurtando a história, renunciei o pastorado e fui para a Universidade de Cambridge, onde tive três anos felizes trabalhando em um Ph.D. e falando ocasionalmente. Depois, analisando meus registros, descobri que tinha pregado ou ensinado a Bíblia numa média de 2,6 vezes por semana durante os anos em que estive lá. Portanto, não fiquei, em nenhum momento, totalmente desengajado do ministério pastoral, embora eu fosse um estudante de tempo integral. No final desse tempo, eu já estava casado; minha esposa e eu retornamos a Vancouver, onde assumi um posto naquela mesma faculdade, enquanto minha esposa me ajudava a plantar outra igreja.

Alguns anos depois, em outra mudança providencial, achei-me na Trinity Evangelical Divinty School. Eu não procurei o posto, mas ele veio a mim, na providência de Deus; e ali tenho servido por mais de 30 anos. Até agora, as tentações mais sérias que tenho experimentado para deixar meu posto atual e ir para outro lugar não tem sido a de integrar outro corpo docente, quer de um seminário, quer de um departamento de uma universidade (embora, eu tenha tido ambas), e sim a de retornar para o ministério pastoral de tempo integral. Estive bem perto de tomar essa direção alguns anos atrás, mas C. F.

H. Henry e Kenneth S. Kantzer vieram até mim inesperadamente e, com fervor profético, me disseram que, se eu deixasse a Trintinity School naquele momento, estaria desafiando o que Deus me chamara a fazer.

Ao dizer isso, eles *não* estavam – enfaticamente, *não* – relegando o ministério pastoral a segunda categoria. Eu mesmo vi esses dois homens encaminharem graduados com Ph.D. ao ministério pastoral. Ambos eram homens da igreja, tinham a mais elevada consideração pela prioridade do ministério pastoral. Talvez achassem que eu não era qualificado para esse ministério e pensavam que eu estaria melhor posicionado se permanecesse em trabalho de intendente do que na linha de frente. Mas a razão que me apresentaram na época foi que alguns dos materiais que estava escrevendo atendiam a certas necessidades, e eles não queriam que eu assumisse uma função que talvez reduziria minha produção. Sendo honesto, preciso dizer que ainda me pergunto ocasionalmente se eles estavam certos.

Isso é o bastante para os meus cinco pontos introdutórios. Acho que preferiria dedicar o resto deste capítulo ao tema do pastor como mestre, mas John Piper fez isso mais habilmente do que posso; e, não surpreendentemente, me pediram que falasse sobre o tema do mestre como pastor. Talvez eu devesse corrigi-lo para que fosse "O Mestre Como Pastor (Frustrado)". Das lições que tenho aprendido, ofereço doze:

Parte 2: Lições de um mestre como pastor

1 - TOME PASSOS PARA EVITAR TORNAR-SE UM MERO INTENDENTE

Ora, qualquer exército precisa de intendentes. Os intendentes são aqueles que fornecem os suprimentos para as linhas de frente. Dê honra apropriada àqueles que se dedicam a preparar e a equipar – com livros, treinamento, cursos, exemplo e respostas de perguntas – àqueles que estarão nas linhas de frente. Contudo, é possível escrever volumes eruditos sobre apologética sem defender realmente o evangelho no mundo atual. É possível escrever comentários sem lembrar constantemente que Deus mesmo está presente e se revela mais uma vez ao seu povo, por meio da Palavra.

Se você é um acadêmico, precisa colocar-se em situações em que, por assim dizer, toma de vez em quando o seu lugar nas tropas da linha de frente. Isso significa engajamento no mundo exterior em um nível pessoal, em um nível intelectual e cultural; significa trabalhar e servir na igreja local; significa engajar-se na evangelização. Evite tornar-se um *mero* intendente.

Eu suponho que, de algum modo, era protegido de minhas tentações iniciais porque havia sido um pastor e ainda estava pregando e ensinando. Minha área de pesquisa era relacionada a alguns elementos da teologia no

evangelho de João em contraste com contextos judaicos diferentes. Meu orientador de tese era um homem brilhante que, em muitos aspectos, se tornara convencido do que era essencialmente uma abordagem naturalista da maioria dos textos bíblicos.

Depois de estar em Cambridge por vários meses e depois de desaparecer um pouco da glória inicial desta universidade espetacular, numa terça-feira à tarde eu estive no escritório de meu mentor para uma supervisão sobre o contexto para a noção de "novo nascimento" em João 3. Tudo foi muito interessante e impossivelmente descontrolado, quando me vi lidando com textos judaicos místicos, textos gnósticos, o pensamento de Filo e assim por diante. Mas, no meu íntimo, acho que estava sorrindo. Na semana anterior, eu tinha pregado em uma capela na cidade de March, e um dos policiais da cidade, um homem conhecido por ser bruto, se converteu dramaticamente. Ele nasceu de novo. Naquela altura, eu não podia ler João 3 sem pensar naquele homem. Meu argumento é que você, por continuar em formas de ministério pastoral, enquanto está engajado em erudição técnica, não somente evita algumas armadilhas, mas também evita se tornar um mero intendente.

E, talvez, o mais importante: um dos efeitos dessa atitude é que você se tornará um melhor professor. Em outro livro contei a história de como cheguei a escrever

The Gagging of God (O Amordaçamento de Deus).[5] Foi o resultado direto de falar em "missões" universitárias – uma série de palestras evangelísticas em universidades – e de observar em primeira mão a mudança nas perguntas dos alunos. Quando comecei a fazer esse trabalho, até os ateístas que conheci eram ateístas "cristãos" – ou seja, o Deus em quem eles não acreditavam era reconhecidamente o Deus cristão, o que é outra maneira de dizer que eu sabia lidar com essas questões.

Por fim, a profundidade da ignorância bíblica entre os graduandos mudou isso; mais dramaticamente, a epistemologia pós-moderna implicava que as abordagens que os alunos estavam usando para "conhecer" a Deus e "saber sobre" Deus e chegar a afirmações exclusivas a favor de Deus e coisas semelhantes eram tão diferentes daquilo com que eu fora educado, que eu fazia mais e mais leituras nessas áreas para assegurar-me de que podia envolver-me com essas novas gerações de alunos. Em certa ocasião, uma jovem senhora que se graduava no departamento de inglês da Universidade de Cambridge me pediu que falasse para alguns de seus amigos. A reunião cresceu, e a noite se tornou estimulante – e ocorreu-me a idéia de escrever um livro sobre o assunto, não somente para esclarecer

5 D. A. Carson. *The gagging of God:* christianity confronts pluralism. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1997.

meus próprios pensamentos, mas também para ajudar outros que estavam negociando as mesmas mudanças.

Em resumo, tome passos para evitar tornar-se um *mero* intendente. Se você não se envolver ativamente no ministério pastoral, em um sentido ou outro, você ficará distante das linhas de frente e, por isso, se tornará menos útil do que poderia ser.

2 - ACAUTELE-SE DA SEDUÇÃO DO APLAUSO

Isso pode vir de, pelo menos, duas direções. Primeiramente, isso pode vir de uma direção acadêmica. Ser seduzido pelo aplauso significa que para você, é mais importante ser considerado um mestre do que ser um mestre. O respeito dos colegas que escrevem artigos eruditos de jornais se torna uma pressão mais imediata do que a aprovação do Senhor. Obviamente, não há graça em apenas irritar os colegas de erudição, em confundir o batalhar pela fé com o ser contencioso quanto à fé. Entretanto, se, para você, ser publicado pela Oxford University Press ou pela Cambridge University Press se torna mais importante do que ser totalmente honesto com o evangelho; se você se esquiva de alguns temas pela simples razão de que esses temas são impopulares em sua sociedade, você está no mais grave perigo espiritual.

Quando cheguei a Cambridge, no outono de 1972, suponho que reagi da mesma maneira como reagem

muitos alunos graduados que chegam no Reino Unido procedentes dos Estados Unidos ou do Canadá. As cidades mais antigas do Canadá têm 400 ou 500 anos de existência. Eu estivera em Vancouver, que tem cerca de 150 anos. Lá estava eu em Cambridge, que tem partes de um prédio de uma igreja, a igreja de Saint Benet, que tem uns 1.000 anos de existência. Cambridge fora no passado um acampamento romano; eles construíram uma ponte ("bridge", em inglês) sobre o rio Cam; daí, o nome "Cambridge". A própria universidade tinha na época quase 800 anos, imergida em tradições. Por contraste, a universidade onde me graduei foi fundada em 1827, e isso a tornou a mais antiga na comunidade inglesa fora das ilhas britânicas. Eu estava andando sobre as pedras pelas quais John Bunyan havia andado; minha faculdade, o Emmanuel College, ostenta uma capela projetada por Sir Christopher Wren, que também projetou a Catedral de St Paul, em Londres. A biblioteca da faculdade – bem à parte das glórias dos intoxicantes tesouros da biblioteca da universidade – ostentava a segunda melhor coleção puritana no mundo. Era fácil para um jovem e inexperiente pastor canadense sentir-se grandemente intimidado. Era fácil ficar mais preocupado em ser aceito no ambiente glorioso, em não fazer uma asneira, do que em ser fiel.

Na providência de Deus, ele me ajudou a evitar alguns dos piores excessos por meio de uma conversa

inesperada que tive alguns meses depois que cheguei. Meu orientador (*Doktorvater*) era, na época, solteiro, como eu. Ele era um anglicano do alto clero – e tão alto que pertencia a uma ordem de monges anglicanos, a Sociedade de São Francisco. Ele vestia um hábito de monge, tinha uma corda ao redor de sua cintura, em vez de um cinto, e, além de seu trabalho na docência da universidade, presidia uma igreja local do alto anglicanismo. Era também o chefe do braço local da Sociedade de São Francisco.

Porque ambos éramos solteiros, às vezes tínhamos refeições juntos, geralmente ou na casa da Sociedade ou na Tyndale House, a biblioteca de pesquisa onde eu estava residindo. Uma noite, após a refeição juntos na Tyndale House, fomos ao meu quarto para tomarmos café. Perguntei se ele se importaria se eu lhe fizesse algumas perguntas sobre sua peregrinação espiritual, e ele me assegurou que não se importaria.

Eu ficara admirado de sua posição em todos os tipos de coisas. Geralmente, os anglo-católicos são bem conservadores em um grande âmbito de assuntos críticos, enquanto são teologicamente semelhantes aos católicos tradicionais em muitos pontos de doutrina. Mas, por esse tempo, eu tinha aprendido que meu mentor, embora bastante católico em seus pontos de vista teológicos – por exemplo, ele tinha uma opinião "elevada" da missa –, era tão liberal quanto alguém pode ser em muitos

assuntos críticos. Por "assuntos críticos", estou incluindo não somente temas que chamamos de "introdução crítica" – detalhes sobre, digamos, a autoria das Epístolas Pastorais e de 2 Pedro – mas também assuntos referentes à historicidade de Jesus, sua pessoa e obra. Por isso, lhe perguntei: "Como você chegou à sua posição atual sobre as questões históricas e teológicas? Como você se tornou um anglo-católico liberal? Isso não é um paradoxo, uma contradição de termos?"

Ele respondeu graciosamente por contar-me um pouco de sua história. Seu pai fora um bispo anglo-católico. Aos cinco anos de idade, meu orientador começara a aprender grego e latim aos pés de seu pai; hebraico foi acrescentado na idade de 11 anos. Ele tinha sido enviado para uma excelente escola preparatória. Aos 18 anos, em vez de ir para a universidade, ele preferiu ir para uma faculdade anglo-católica, porque desejava ingressar no ministério na ala anglo-católica da Igreja da Inglaterra e trabalhar com os pobres. Ao se graduar, ele se uniu à Sociedade de São Francisco e trabalhou com os pobres em Londres por quase 20 anos.

Perto dos 40 anos, ele foi mandado por sua ordem a trabalhar com estudantes – e, por isso, ele foi para Cambridge. Ele decidiu que a melhor maneira de trabalhar com estudantes era ser um; por isso, se matriculou na universidade para estudar teologia. Pela primeira vez, ele se deparou com pontos de vista críticos e

liberais e os aceitou, tornando-se ele mesmo cada vez mais criativo neste respeito. Por conta própria, ele fez uma revolução em sua maneira de pensar e sua abordagem quanto à Bíblia. Ele fez isso tão bem em seus estudos que a universidade lhe pediu que ensinasse, e a sua ordem permitiu. Ali estava ele, 15 anos depois, no auge de suas capacidades intelectuais, supervisionando meu trabalho. Ele amava a vida universitária e se deleitava em ensinar, pesquisar e escrever. Sua estrela acadêmica ainda estava em ascensão.

Eu lhe disse que apreciava sua franqueza e podia entender como ele chegara a sua posição, mas não podia entender como ele conseguia harmonizar tudo aquilo. Por exemplo, eu podia entender como alguém que tinha uma opinião muito elevada sobre Jesus, alguém que crê que ele é verdadeiramente o Deus-Homem, podia dar o próximo passo e ter um conceito elevado da "hóstia" na missa, admitindo que, de algum modo, a deidade de Jesus está presente nos elementos. Esse não era meu ponto de vista, mas eu entendia como a conexão podia ser feita. Mas, como um teólogo que tinha uma opinião "baixa" sobre o Jesus histórico, um entendimento essencialmente naturalista sobre quem é Jesus, podia ter um conceito "elevado" dos elementos da Santa Comunhão?

Nunca sou tão entusiasta em debates como John Piper, mas, em minha maneira quieta, porém levemente intensa, eu estava me envolvendo na discussão, com

várias respostas e perguntas para lá e para cá, quando repentinamente percebi que meu orientador estava ficando irritado, suado e começando a gaguejar. Ele não tinha uma indicação de como harmonizar as coisas. E não era meu papel embaraçá-lo; por isso, voltei atrás. Estou certo de que posso fazer comentários imprudentes num debate, mas naquela ocasião não estava tentado ganhar o debate, e sim apenas entender. E, num instante, percebi que eu preferia ter, pela graça de Deus, o que tinha ao que ele tinha. Preferia ter o evangelho, o conhecimento do perdão de meus pecados e reverência pela Palavra de Deus a todo o aplauso acadêmico do mundo. Eu não tinha certeza de que os dois eram necessariamente incompatíveis, mas, pelo menos, estava certo de que, se você tem de escolher entre um e outro, o aplauso acadêmico não pode se comparar com Jesus.

Alguns anos depois, eu testemunhei novamente, sob um ângulo diferente, o perigo de ser seduzido pelo aplauso acadêmico. John Woodbridge e eu tínhamos chegado à conclusão de que precisávamos editar dois livros resolutos sobre a doutrina das Escrituras, livros que por fim se tornaram *Scripture and Truth* (Escritura e Verdade)[6] e *Hermeneutics, Authority, and Canon* (Hermenêutica, Autoridade e o Cânon).[7] Ao recrutar autores

6 D. A. Carson; John D. Woodbridge (Ed.). *Scripture and truth*. Grand Rapids, MI: Baker, 1983.

7 D. A. Carson; John D. Woodbridge (Ed.). *Hermeneutics, authority, and canon*. Grand Rapids, MI: Baker, 1986.

para esse projeto, procurei um amigo que eu conhecera nos dias de Cambridge que estava ensinando em outra universidade e que, eu sabia, compartilhava das mesmas opiniões que tínhamos sobre como os cristãos devem pensar sobre a Escritura e qual é a história da doutrina da Escritura sustentada há muito tempo. Ele respondeu que, embora desejasse bom êxito ao nosso projeto, não queria escrever sobre um assunto como aquele, pois ele pensava que isso frustraria qualquer chance que pudesse ter de conseguir um posto em Oxford e Cambridge, onde ele poderia fazer maior bem. Minha resposta foi que, se ele seguisse aquela abordagem em relação a questões confessionais, logo se distanciaria não somente de defender a doutrina, mas também da própria doutrina. E isso, digo com pesar, foi exatamente o que aconteceu nos anos posteriores. Acautele-se da sedução do aplauso acadêmico.

A segunda direção da qual pode vir o aplauso sedutor é o grupo conservador de seus amigos, um grupo restrito de colegas, mas um grupo que, para algumas pessoas, é igualmente sedutor. Assim, a erudição pode ser comprada: você trabalha constantemente em coisas para sustentar a identidade própria de seu grupo, mostrar que ele está certo, responder a todos os que discordam dele. Alguns eruditos ficam bastante indignados com seus colegas que, na estimativa deles, são atraídos demais pelo aplauso de colegas acadêmicos incrédulos,

embora esses eruditos indignados permaneçam inconscientes de como eles se tornaram dependentes do aplauso dos bastiões conservadores que os estimulam.

No último dia, permaneceremos de pé ou cairemos com base na aprovação de uma única pessoa, um único mestre, o Senhor Jesus Cristo.

3 - COMBATA UMA DISJUNÇÃO COMUM

Combata, com todo empenho de seu ser, a disjunção comum entre "estudo objetivo" da Escritura e "leitura devocional" da Escritura. O primeiro lugar em que essa tensão se torna um problema é geralmente no seminário. Os alunos entram no seminário com o hábito de ler a Bíblia "devocionalmente" (como o entendem). Eles desfrutam a leitura da Bíblia, sentem-se animados e reverentes quando o fazem, encontram a Deus por meio das páginas da Bíblia, alguns memorizam muitos versículos e alguns capítulos da Bíblia e assim por diante. O seminário logo lhes ensina os rudimentos de grego e hebraico, princípios de exegese, reflexão hermenêutica, algo sobre variantes textuais, distinções fundamentadas em diferentes gêneros literários e mais. Em consequência, os alunos aprendem a ler a Bíblia "criticamente" ou "objetivamente" para fazerem seus trabalhos escolares, mas ainda querem ler a Bíblia "devocionalmente" em sua hora tranquila.

Todos os anos, alunos de seminário vêm à sala de professores e palestrantes selecionados para indagar como lidar com essa tensão. Eles se veem tentando cumprir seus momentos de devoção, mas depois são inquietados por pensamentos intrometidos sobre variantes textuais. Como alguém pode manter essas formas polarizadas de leitura da Bíblia? Essa polarização, essa disjunção, mantida sem a devida avaliação pode caracterizar ou até embaraçar o erudito bíblico para o resto da vida. O mestre pode tentar escrever um comentário sobre, digamos, o livro de Gálatas, no qual parte do objetivo é dominar bem o texto, enquanto preserva tempo para a leitura diária devocional.

Minha resposta, expressa em termos fortes, é resistir a essa disjunção, rejeitá-la, fazer tudo que puder para destruí-la. A Escritura continua sendo Escritura, continua sendo a Palavra de Deus diante da qual (como Isaías nos recorda) devemos tremer – as próprias palavras que temos de honrar, valorizar, digerir, meditar e ocultar no coração (mente?), quer estejamos lendo a Bíblia à 5h30min, no começo do dia, quer estejamos preparando um trabalho escolar para uma aula de exegese às 22h. Se tentarmos manter separadas essas duas supostas maneiras de ler a Bíblia, ficamos irritados e perturbados quando nossas "devoções" são interrompidas por uma reflexão inesperada sobre uma variante textual ou a força exata de um genitivo grego. Alternativamente, podemos

ser surpreendidos quando estamos preparando um trabalho ou um sermão e, de repente, nos vemos distraídos por um vislumbre da grandeza de Deus que deveria ser reservado às nossas "devoções". Portanto, quando você lê "devocionalmente", mantenha a sua mente envolvida nisso; quando você lê "criticamente" (isto é, com estudo mais diligente e focalizado, empregando um arsenal de "ferramentas"), nunca, nunca esqueça que Palavra é esta. O alvo *nunca* é dominar a Palavra; é ser dominado por ela.

4 - NUNCA ESQUEÇA AS PESSOAS

Nunca esqueça que há outras pessoas lá, pessoas em favor das quais Cristo morreu. Não temos meros colegas em nossas instituições. Temos irmãos e irmãs em Cristo. Não temos meros alunos, esponjas orgânicas cuja função primária é absorver informação e depois expeli-la de volta quando requeridos. Pelo contrário, em nossas salas de aula estão filhos do Deus vivo, comprados por sangue. Muitos deles se tornarão ministros do evangelho, missionários transculturais, evangelistas. Eles nunca serão meras esponjas; são criaturas feitas à imagem de Deus, seres humanos que nasceram de novo, justificados por graça, membros orgânicos da igreja do Deus vivo, a habitação do Espírito Santo.

Evidentemente, o seminário é uma instituição acadêmica e uma instituição educacional. Nosso trabalho consiste em ensinar, ensinar bem. Contudo, o mestre cristão em um ambiente de seminário deve lembrar o que todo mestre cristão precisa lembrar em *qualquer* ambiente acadêmico – que os alunos foram criados à *imago Dei* – mas esse erudito deve também reconhecer o potencial ministério dos alunos e detectar, sobretudo, o enorme potencial que se acha em cada sala de aula.

Todo dia, penso em ex-alunos que já estiveram sentados em minha sala de aula e agora servem em ministérios desafiadores e frutíferos. Apreciaria tomar tempo para falar sobre um casal, por exemplo, cujos nomes não ouso divulgar, ambos graduados tanto em Princeton como na Trinity School com *Índice de Rendimento Acadêmico* igual a 4.0, e que agora servem em um país mulçumano, trabalhando com refugiados. Outro casal que ensinei 20 anos atrás está agora trabalhando diligentemente em traduzir a Bíblia para 11 línguas na Papua Nova Guiné.

Muitas centenas de pastores que servem fielmente, semana após semana, já estiveram em minha sala de aula. Alguns se tornaram por si mesmos pastores-teólogos, produzindo materiais notáveis que, por sua vez, beneficiam outros. Todos nós progredimos com base no que aprendemos de outros – o Senhor ordenou que fosse assim (2 Tm 2.2). Assim como um bom pastor não

tratará o sermão como uma forma de expressão que é um fim em si mesmo, e sim um meio de estender graça pela re-revelação da Palavra de Deus, assim também o professor de seminário não tratará as palestras, ensaios, perguntas e trabalhos escolares como nada mais do que provações formais pelas quais os alunos têm de passar no caminho necessariamente doloroso de obterem um diploma. Ele os tratará como meios de graça ministrados correta e sabiamente, como parte de uma orientação e uma formação mais ampla planejadas para encorajar o aluno a ser um servo do evangelho, um arauto da Palavra, que interpreta corretamente a Palavra da verdade, um obreiro que não tem de que se envergonhar.

Além disso, pelo menos alguns de seus alunos terão uma enorme bagagem emocional, moral e culposa. Você pode usar a Palavra de Deus e aplicá-la de tal modo à vida deles, que observa a transformação espetacular que está acontecendo? Se não, o que faz você pensar que está qualificado para ensinar os outros?

Isso também significa que, assim como um pastor tem de ser mais do que um pregador e precisa desenvolver um relacionamento caloroso e confiante com as pessoas às quais serve, assim também o mestre-pastor tem de ser mais do que um professor que produz informação e testa o conteúdo obtido. Repito: o seminário é uma instituição educacional, e jamais devemos minimizar essa missão. Mas, por causa do conteúdo que

ensinamos, por causa do Senhor a quem servimos, nós que ensinamos nessas instituições também devemos ser zelosos por relacionamentos com os alunos, com mentorear, com toda a pessoa.

É claro que não há tantas horas em um dia. É impossível para um professor ter o mesmo relacionamento de mentoreamento com cada aluno. Essa é a razão por que muitos seminários fomentam grupos de capelania ou grupos de formação espiritual (ou o que quer sejam chamados). Os alunos incluídos em meu grupo são os primeiros que convidaremos à nossa casa, os primeiros que virão ao meu escritório, aqueles que podem aparecer para uma caminhada no sábado, aqueles que têm prioridade em minha lista de oração e assim por diante. Eu conhecerei os cônjuges deles e, às vezes, seus filhos. Um aluno ocasional se torna um parceiro de oração.

Independentemente do tipo de relacionamento que você desenvolva e fomente, você tem de entender que um mestre com preocupações pastorais será mais do que um dispensador de informações.

Nunca esqueça: há pessoas lá.

5 - RECONHEÇA OS DIFERENTES DONS

Reconheça alegremente que Deus distribui diferentes dons entre mestres-pastores, como distribui diferentes dons entre outros grupos. Alguns serão

capazes de ensinar e escrever, mas não de pregar. Outros serão capazes de ensinar e pregar, mas escrever pode ser um desafio. Alguns serão excelentes escritores, mas perfeccionistas, de modo que sua produção é pequena, mas esplêndida. Outros são mais descuidados, mas são popularizadores dotados. Alguns são especialistas estritamente focados, enquanto outros são eruditos polivalentes. Alguns são mais pessoais do que outros.

Obviamente, somos sábios para desenvolver e aprimorar os dons que Deus nos dá, mas não devemos cair na armadilha de pensar que todos os mestres-pastores têm de possuir os mesmos dons. Como a inveja pode surgir entre os pastores, também pode surgir entre os mestres. Como o orgulho e o triunfalismo podem introduzir-se no ministério pastoral, também podem penetrar no ministério erudito. O que você tem que não lhe foi dado? Regozije-se no serviço para o qual Deus o chamou e evite tanto a arrogância como a inveja.

No entanto, havendo dito isso, tenho de acrescentar algumas linhas sobre a importância de ouvir e aprender de mestres-pastores que nos precederam ou que exerceram ministério mais amplo ou ministério focalizado diferente do nosso próprio. Certos hábitos e prioridades são dignos de imitação cuidadosa. Em meu próprio horizonte, reconheço alegremente um senso de dívida para com uma hoste de eruditos de cujo entendimento me beneficio, embora um tanto inadequadamente.

Leon Morris foi, em muitas maneiras, um sincero mestre confessional em Novo Testamento, cujos dons eram sabia e firmemente ordenados. Ele não era totalmente extraordinário. No entanto, em certas conjunturas de sua vida, ele percebeu necessidades cruciais e escreveu obras que foram prescientes, proféticas e altamente estabilizadoras para a geração seguinte. Alguém pode pensar especialmente em sua obra *The Apostolic Preaching of the Cross* (A Pregação Apostólica da Cruz), que ainda é digna de ser comprada e lida, mais de quatro longas décadas depois de sua publicação.[8] Ele ensinou a uma geração de alunos que eles não perderiam necessariamente a aprovação da erudição se afirmassem que o evangelho de João é mais historicamente estruturado do que muitos afirmam hoje. Leon Morris produziu algumas obras técnicas que responderam a falsos passos temporários e influentes de seus dias. Pense, por exemplo, em seu livrete *The New Testament and the Jewish Lectionaries* (O Novo Testamento e o Lecionários Judaicos).[9]

Aprendi lições bem diferentes de Kenneth Kantzer. A amplitude da erudição de Kantzer era extraordinária. Seu dom de análise e síntese era, às vezes, impressionante. Ele tinha o potencial de tornar-se um dos maiores

8 Leon Morris. *The apostolic preaching of the cross*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956.

9 Leon Morris. *The New Testament and the jewish lectionaries*. London: Tyndale Press, 1964.

eruditos em Calvino do século XX. No entanto, ele preferiu desconsiderar esses dons, em sua vida, para edificar a Trinity Evangelical Divinity School, que, até anos bem recentes, era mais o produto, falando em termos humanos, dos dons de visão e administração de Kantzer do que de qualquer outro agente. Apesar disso, ele permaneceu admiravelmente acessível aos seus colegas e alunos. Ele foi um mestre-teólogo-administrador-pastor.

Seria fácil acrescentar os nomes de outros 20 ou 30 mestres-pastores que me moldaram grandemente, e a diversidade de seus dons e vocações atestam a verdade de meu argumento: reconheça alegremente a diversidade dos dons que Deus dá aos mestres-pastores.

Talvez este seja o momento em que devemos reconhecer outro aspecto da diversidade – a diversidade em hábitos de leitura. Uma nova geração tem surgido que se volta reflexivamente para a internet em busca de informação e lê poucos livros. Não me importo se você lê livros impressos ou em formato digital; estou bem contente com o meu leitor eletrônico *Kindle*. Contudo, por mais que a web torne a informação gloriosamente acessível, ela tem dois grandes defeitos. Primeiro, a web é tão democratizada que é mais difícil do que antes distinguir entre a verdade e o erro, entre opinião com autoridade e opinião irreal, entre especulação e aprendizado. Segundo, a web está inundada de informações e opiniões breves; ela nos seduz a inúmeras discussões sem valor até em blogs que talvez sejam importantes.

Uma das coisas que mestres-pastores prudentes farão é preservar tempo para a leitura reflexiva dos *melhores* livros. Você pode descobrir quais são esses livros por ter conversas de inquirição com vários mestres-pastores que são mais maduros do que você – mas assegure-se de buscar a opinião de várias pessoas e não apenas a de uma única pessoa. Por meio dos livros, procure conhecer razoavelmente bem alguns pensadores de época. Vá devagar, leia, faça anotações, pense, avalie.

Havendo dito essas coisas – coisas que têm de ser ditas como um tipo de impedimento às tentações de ler exclusivamente na web –, tenho de acrescentar imediatamente que neste domínio da leitura há, e tem de haver, uma diversidade de práticas de leitura legítimas. Alguns, mais focalizados do que outros e talvez leitores mais lentos e pensadores mais perspicazes do que outros, querem que você restrinja sua leitura a livros muito bons que você tem de ler devagar. Para alguns leitores, suspeito que essa é a escolha mais sábia. Para todos os leitores, ler alguns livros devagar e analiticamente é o mandado. Mas duvido que seja sábio sugerir que todo mestre deve ler somente bons livros e somente devagar, pois, uma vez mais, há diversidade de dons e graças.

Se você pode desenvolver o hábito de ler coisas diferentes em velocidades diferentes, você pode ser sábio para ler alguns livros devagar, de maneira avaliadora e com frequência; para ler alguns livros rapidamente, de uma vez só,

mas de maneira abrangente; para folhear outros livros a fim de ver o que eles dizem; para mergulhar noutros livros e ver se acrescentam alguma coisa à discussão ou dizem apenas as velhas coisas com mudanças menores aqui e ali. Tudo isso é feito à parte da leitura de poesia, de alguma literatura séria e obras ocasionais que não têm valor permanente, mas que todos estão lendo no momento – não porque você quer gastar muito tempo nisso ou deve gastar muito tempo nisso, mas para lhe oferecer comentários penetrantes e de primeira mão sobre o material a respeito do qual toda pessoa letrada em seu mundo sabe algo.

Nem todo mestre-pastor deve tentar fazer todas essas coisas, mas aqueles que têm o dom, o tempo e a energia para fazê-las e, depois, oferecem sua "avaliação" sobre uma classe ampla de literatura se tornam um grande dom para aqueles que lêem mais restritamente e em velocidade mais limitada. Precisamente, porque há uma diversidade de dons, a perspectiva de Roger Bacon é memorável: "Ler torna um homem completo; falar torna um homem ágil; escrever torna um homem exato".

O que *nunca* se justifica é *nunca* ler *alguma coisa* devagar, com seriedade, de maneira analítica e avaliadora, pois esse tipo de leitura de bons materiais não somente enche nossa mente de coisas boas, mas também nos ensina como pensar.

Em resumo, reconheça alegremente que Deus distribui dons diferentes entre mestres-pastores.

6 - RECONHEÇA O QUE OS ALUNOS APRENDEM

Reconheça que os alunos não aprendem tudo que você lhes ensina. Eles não aprendem tudo que eu lhes ensino! O que eles *aprendem*? Eles aprendem aquilo que me entusiasma; aprendem o que eu enfatizo, aquilo ao que retorno repetidas vezes; aprendem o que organiza o resto de meu pensamento. Portanto, se eu *aceito* alegremente o evangelho, mas raramente o afirmo com clareza e nunca mostro entusiasmo por ele, enquanto efervesço com, digamos, criticismo textual e eclesiologia, meus alunos podem concluir que a coisa mais importante para mim é eclesiologia ou criticismo textual. Eles podem admitir a minha *aceitação* do evangelho; alternativamente, podem até se distanciar do evangelho; mas o que eles certamente farão é colocar no centro de *seu* pensamento a eclesiologia ou o criticismo textual, colocando assim, intencionalmente ou não, o evangelho em segundo plano.

Tanto a eclesiologia quanto o criticismo textual, sem mencionar uma abundância de outras disciplinas e sub-disciplinas, são dignos do mais permanente estudo e reflexão. Contudo, parte de minha obrigação como um mestre-professor, um mestre-pastor, é mostrar como minha especialização se relaciona com aquilo que é fundamentalmente central e nunca perder minha paixão por viver e sentir-me entusiasmado com aquilo que tem

de permanecer no centro. Fracasso nesta questão significa acontece quando desvio os meus alunos e membros de igreja.

Se eu sou desafiado por um colega que me diz: "Sim, aprecio a competência e a completude com que você está ensinando eclesiologia ou criticismo textual; mas, como isso se relaciona com a centralidade e a inegociabilidade do evangelho?", eu posso, lamentavelmente, responder de maneira defensiva: "Por que você está implicando comigo? Creio no evangelho tão profundamente como você crê!" Isso pode ser verdadeiro, mas não resolve a questão. Como mestre, a eclesiologia e o criticismo textual podem ser minha especialidade; mas, como mestre-*pastor*, tenho de preocupar-me com o que estou transmitindo à próxima geração, com sua configuração, com seu equilíbrio e foco. Não ouso esquecer nunca que os alunos não aprendem tudo que eu tento ensinar-lhes, mas eles aprendem primariamente aquilo que me entusiasma.

7 - FAÇA DA COISA PRINCIPAL A COISA PRINCIPAL

O princípio que enunciei no ponto anterior precisa de aplicação ponderada em vários domínios. Em toda *área* da obra de um mestre bíblico-teológico, é importante continuar perguntando o que está em jogo, que assuntos relacionados constituem a coisa principal. Permita-me três exemplos.

Primeiro, considere algumas das várias maneiras como os eruditos ensinam teologia sistemática. Alguns, treinados em teologia filosófica, ajudam os alunos a lidar com noções complexas, como "pessoa", quando explicam as formulações patrísticas sobre a Trindade: uma substância, mas três pessoas. Outros, treinados em teologia histórica, podem construir sua teologia sistemática a partir de teólogos que vieram antes deles. Ambos podem ser professores eficazes. Ambos *podem* nunca abrir sua Bíblia desde a primeira aula até ao final do semestre. Isso significa que uma "coisa principal" foi ignorada: os alunos de opinião elevada sobre a Bíblia *têm* de ser treinados em como as formulações teológicas devem estar fundamentadas e ser derivadas do que as Escrituras dizem. *Do contrário, o que esses professores estão realmente ensinando é que as estruturas de teologia sistemática não procedem da Escritura e, também, que não precisam proceder das Escrituras.* Nesse caso, como a Escritura é a "norma padronizadora" da disciplina? Em propagar um aspecto da disciplina complexa de teologia sistemática, esses mestres estão sacrificando o que é *essencial* à disciplina: delinear conscientemente, *por causa do aluno*, as conexões a partir da Escritura, por meio de relações históricas/filosóficas/hermenêuticas, até à formulação confessional.

Segundo, a defesa persistente de nossos temas pode causar danos involuntários, mesmo quando cada

ponto que afirmamos é correto. Por exemplo, aqueles que ensinam a Bíblia, teologia e história da teologia enfatizam (às vezes) fraquezas, aberrações e alguns erros no evangelicalismo contemporâneo. Isso *pode* abrir caminho para que alunos se tornem cada vez mais críticos do evangelicalismo confessional e, depois, do próprio evangelho. Eles estão em perigo de tornarem-se pessoas sarcásticas. A arrogância deles garante que não podem ministrar eficazmente em lugar algum. Em vez de se tornarem crentes cujas vidas fomentam proveitosamente mudança na igreja, esses alunos se tornam críticos altivos. Eles não somente produzem menos frutos do que poderiam, mas também estão em grande perigo espiritual.

Tudo isso tem acontecido porque seus professores não foram cuidadosos em nutrir um senso de dívida para com aqueles que vieram antes, como eles o foram em nutrir o que julgam ser discernimento. Em nenhum momento, Jesus disse: "Por meio disto, todos saberão que vocês são meus discípulos: se forem brilhantemente críticos e altivos para com os evangélicos que têm coisas erradas". No estou sugerindo, de modo algum, que nós, professores, podemos nos dar ao luxo de evitar a responsabilidade de ensinar discernimento. Quero dizer somente que até o discernimento tem de ser abrigado no maior "elemento principal" do amor para com os irmãos e irmãs em Cristo.

Terceiro, a erudição se importa inevitavelmente com inovação, novas descobertas e novos discernimentos. Essas forças não devem ser rejeitadas. Mas, se um mestre faz desse tipo de busca a sua primeira paixão, será fácil ignorar ou menosprezar o evangelho que de uma vez por todas foi entregue aos santos; será fácil permanecer leviano em relação ao que deve ser proclamado em *cada* cultura, o evangelho de Jesus, que se mantém em oposição às tendências da história e clama: "Vinde *a mim*"! Em todo o nosso interesse legítimo pelo inovador, o mais importante é aquilo que é imutável – e isso é o que tem importância pastoral predominante. Deixe que a coisa principal seja a coisa principal.

8 - ORE E TRABALHE POR VISÃO

Especificamente, ore e trabalhe por visão além da dos publicadores. Um famoso mestre tem se vangloriado de que nunca teve de submeter um manuscrito de um livro a qualquer publicador, perguntando se ele estaria interessado. Em *todo* caso – e ele escreveu muitos livros – os publicadores o procuraram, pedindo-lhe que escrevesse alguma coisa. Isso acontece muito mais frequentemente do que as pessoas percebem, em especial quando o mestre já publicou um ou dois livros iniciais. Suponho que o mestre em questão entende isso como uma vantagem, quase como um motivo de auto-satisfação. Em um nível, isso é uma

poderosa confirmação de que o que ele escreve será comprado; e essa é a razão por que os publicadores querem-no em suas listas. Mas o que isso *também* significa é que esse mestre não tem nutrido nenhuma visão por pesquisa e escrita que vai além do que os publicadores lhe pedem que aborde. Isso é quase insuportavelmente triste.

Se você é um pastor-mestre, deve estar perguntando a si mesmo o que pode ser especialmente útil no presente momento, que obra de erudição está clamando por ser abraçada, que popularização beneficiaria o povo do Senhor. Às vezes, os publicadores pensarão primeiro nestas coisas: seus convites coincidem com os interesses e prioridades do autor. Quando *você* pensa primeiro em certos temas, parte do seu trabalho consiste em "vender" ao publicador a idéia, para que o material possa ser publicado ou obtenha proeminência em um melhor website ou coisa semelhante. Se você escreve somente o que os outros lhe pedem que escreva, temo que você possa estar manifestando uma carência de imaginação erudita e, o que é pior, uma falta de cuidado pastoral.

9 - AME A IGREJA

Ame a igreja porque Jesus a ama. Deixe os seus alunos *saber* que você ama a igreja. Assegure-se de que os membros de sua igreja estão profundamente

cientes de que você ama a igreja, de que você os ama. Isso se manifestará em maneiras diferentes, mas esse amor pela igreja *tem* de achar expressão em sua vida de oração, suas prioridades, sua prontidão de participar (com os presbíteros, em um grupo pequeno, em dar aulas, em pregar seguindo uma escala, em ajudar os outros na limpeza, em elaborar um novo estatuto).

Amar a igreja é importante não somente para contrabalançar o individualismo vigoroso que faz parte de nascer no ocidente e, às vezes, ameaça negligenciar tanto a vida de comunhão como relacionamentos pessoais fortes com irmãos e irmãs em Cristo, *mas também para marcar os nossos alunos*. Se estamos treinando um grande número de pastores e outros que servirão na igreja local, é *essencial* que os membros do corpo docente amem verdadeiramente a igreja que Cristo amou e pela qual deu-se a si mesmo. Muitos alunos aprenderão a amar o que seus professores amam verdadeiramente. Portanto, ame a igreja.

10 - EVITE A ERUDIÇÃO SOLITÁRIA

Todo mestre sabe que parte da tarefa de erudição está vinculada a longas e solitárias horas de estudo e escrita disciplinados. Contudo, alguns projetos são melhores realizados com colaboração. E, não menos importante, se você está começando a entrar em

áreas de pensamento que não são a sua primeira área de competência, você será sábio em apresentar seu trabalho a outros daquele campo, solicitando as críticas e sugestões deles. Melhor ainda, sempre é bom procurar uma nova geração de mestres mais jovens e envolvê-los em novos projetos de pesquisa e escrita, dando-lhes livros para serem resenhados, pedindo a sua opinião, interagindo com suas sugestões. Não somente você mesmo se beneficiará – é muito melhor receber críticas por uma obra antes de ser publicada do que receber críticas em suas resenhas, depois de ser lançada – mas também estará envolvido em um tipo de mentoria erudita que é o fruto de compromissos essencialmente *pastorais*.

Certa vez, conheci um mestre (ele já foi para a sua recompensa) que produziu, entre outros livros, uma obra de referência notável que cobria vastas áreas. A sua obra era "notável" porque seus verbetes iam desde discernimentos brilhantes a mediocridade e, até, ao dolorosamente ignorante. A obra nunca teve o tipo de influência que seu autor esperava que ela tivesse. Ele podia ter evitado facilmente essa obra mista se tivesse tomado tempo para trabalhar junto com mestres que afirmavam legitimamente outras áreas de competência e poderiam tê-lo salvado do embaraço de tantas entradas medíocres e ignorantes mescladas com entradas brilhantes.

11 - SEJA INTERESSADO NA OBRA DE OUTROS

Seja tão interessado na obra de outros ao menos como você o é em sua própria obra. Isso é sábio não somente porque você não quer ser aquela pessoa chata que sempre volta à conversa e à discussão para a sua própria obra – uma forma peculiarmente detestável de narcisismo –, mas também porque o mandamento e o exemplo de Cristo compelem-no a procurar o bem de outros, a amar seu próximo como a si mesmo, a promover a erudição porque ela explica e promove a verdade, e não apenas porque ela é a *sua* erudição. Seja tão interessado na obra de outros ao menos como você o é em sua própria obra.

12 - ENCARE COM SERIEDADE O SEU TRABALHO, MAS NÃO A SI MESMO

Assegure-se de ter pessoas ao seu redor que se sentem livres para rir de você. Não tenho a menor idéia de quantas vezes, em jantares e eventos semelhantes, minha esposa riu de alguns de meus títulos, como, por exemplo, *Justification and Variegated Nomism* (Justificação e Nomismo Variegado).[10] Esse título não é um vencedor? Ande humildemente – você

10 D. A. Carson; Peter T. O'Brien; Mark A. Seifrid (Ed.). *Justification and variegated nomism, vols. 1, 2*. Grand Rapids, MI: Baker, 2001, 2004.

tem muito mais do que percebe a ser humilhado em si mesmo. Encare com seriedade o seu trabalho, mas não a si mesmo.

COMENTÁRIO CONCLUSIVO

Falei sobre o mestre-pastor. Precisaríamos de pouca imaginação para percebermos como os tipos de virtudes que promovi neste capítulo têm análogos em quase *toda* esfera. É somente o mestre, por exemplo, que tem de evitar a sedução do aplauso? É somente o mestre cristão que deseja servir pastoralmente que tem de ser exortado a amar a igreja? É somente o mestre que tem de assegurar-se constantemente de que a coisa principal ainda é a coisa principal?

Em resumo, muito do que enfatizei tem aplicação correspondente na vida de todos os cristãos. Visto que as virtudes e graças que fazem parte do cuidado pastoral são essencialmente virtudes e graças *cristãs*, a aplicação é tão abrangente quanto o número de cristãos.

CONCLUSÃO

O Pregador, o Mestre e o Verdadeiro Pastor-Mestre

David Mathis

O baby boom pós-Segunda Guerra Mundial começou em 1946 e trouxe consigo John Piper e Don Carson. Apenas 11 dias haviam se passado naquele ano, em 11 de janeiro, quando Bill e Ruth Piper conheceram seu novo menino americano; e 11 meses depois, em 21 de dezembro, Tom e Marg Carson trouxeram seu novo pequeno canadense ao mundo.

Tanto o lar de Piper como o de Carson eram lares de pastores. Bill Piper era um evangelista itinerante; Tom Carson era um plantador de igrejas e pastor no difícil campo de Quebec. Ambos os lares podiam ser descritos como lares fundamentalistas calorosos – o tipo de lar que tem produzido, frequentemente, líderes evangélicos fortes.

Quando Piper e Carson chegaram à maioridade no final dos anos 1960 e se aventuraram além dos ambientes fundamentalistas em que nasceram, eles não se depararam com a abundância de pastores-mestres evangélicos que nossa geração emergente descobre hoje. F. F. Bruce (mencionado interessantemente tanto por pastor Piper como pelo professor Carson nos capítulos anteriores) era um modelo evangélico no mundo erudito, juntamente com os precursores americanos do movimento evangélico moderno, Carl Henry e Kenneth Kantzer. Mas pastores-mestres eram difíceis de achar. Harold Ockenga, presidente de seminário e pastor da Park Street Church, em Boston, talvez foi, em meados do século XX, a coisa próxima do que chamamos neste livro de pastor-mestre, mas não havia muitos como ele. Portanto, quando Piper e Carson receberam seu grau de doutorado nos anos 1970, ainda parecia que eles chegariam, por fim, a uma encruzilhada em que teriam de decidir se seriam *ou* pastor *ou* mestre.

É interessante que Piper tomou primeiro o caminho da erudição, descobrindo logo ter um amor crescente

pelo púlpito, enquanto Carson começou no caminho pastoral e logo cultivou sua mente extraordinária como um mestre erudito. Piper é o mestre que se tornou pastor. Carson é o pastor que se tornou mestre. Em 1978, Carson assumiu o cargo de professor assistente na Trinity Evangelical Divinity School; em 1980, Piper foi pastorear a Bethlehem Baptist Chruch. Ambos já investiram até agora mais de três décadas nesses lugares.

No entanto, como vimos nos capítulos anteriores, a mente de Piper nunca deixou totalmente a academia (pelo menos no que diz respeito a um engajamento sério da vida da mente), e o coração de Carson nunca deixou a igreja. Essa fusão de coração e mente, antes rara, mas agora cada vez mais comum, produziu dois ministérios extraordinários e frutíferos nos últimos 30 anos, ministérios que têm se combinado para, juntamente com outros, produzir uma nova geração de líderes evangélicos pastorais e mestres prontos a desenvolver igrejas e instituições no século XXI – uma nova geração de líderes espirituais crescentemente intranquilos no que diz respeito a abandonar o pensar rigoroso no pastorado ou a descartar o coração de pastor na academia.

DE ONDE VEM ESTE IMPULSO?

Por que tem surgido, em nossos dias, este impulso em direção a pastores-mestres e mestres-pastores?

Por que na geração mais nova tantos são avessos a permitir que as estradas do pastorado e da erudição sejam divergentes? Entre muitos fatores, vale a pena salientar a admirável explosão do movimento evangélico na metade do século XX, nos Estados Unidos, que está pavimentando uma estrada de duas faixas onde antes havia um bifurcação. Tem havido não somente um avanço notável nas publicações evangélicas, mas também uma proliferação de pregação e ensino por meio da internet (em forma escrita, em áudio e, agora, em vídeo). Combine isso com o número de exemplos que a geração anterior produziu – pense não somente em Piper e Carson, mas também em outros como Tim Keller, Al Mohler, Mark Dever, Ligon Duncan, Gordon Hugenberger, Sam Storms e outros. Assim, sob a direção de Deus, você tem a receita para o avivamento de uma nova geração de pastores-mestres semelhantes a Jonathan Edwards.

Além desses exemplos contemporâneos, há os exemplos históricos mais distantes de Atanásio, Agostinho, Lutero, Zwínglio, Calvino, juntamente com John Bunyan, Andrew Fuller e os puritanos.

E, além desses valentes, há o apóstolo Paulo, um homem que possuía manifestamente um intelecto brilhante e um coração tão grande que sentia diariamente o peso da "preocupação com todas as igrejas" (2 Co 11.28).

Além de Paulo, há o exemplo do mais verdadeiro de todos os pastores-mestres, que, ainda aos 12 anos, deu

evidência tanto de sua mente erudita como de seu coração pastoral. Como um mestre, "todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas" (Lc 2.47); e, na mesma ocasião, respondeu aos seus pais como um pastor: "Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?" (Lc 2.49). Quando já era adulto, como um mestre, ele conhecia as Escrituras melhor do que qualquer pessoa e pôde silenciar os mestres fariseus com poucas palavras. E, como pastor, ele chamou filhos para si mesmo e os treinou em meio à morosidade e à incompetência crônica deles.

Jesus, o Deus-Homem, é o modelo supremo de engajar *tanto* a mente *quanto* o coração, não comprometendo um por causa do outro. Ele é o "Supremo Pastor" (1 Pe 5.4) e aquele cuja sabedoria é maior do que a de Salomão (Mt 12.42). Jesus é não somente o "grande Pastor das ovelhas" (Hb 13.20) e o "Pastor e Bispo da vossa alma" (1 Pe 2.25), mas também aquele que, conforme Lucas 24, "começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24.27); e foi o grande professor que, com seu ensino, pela obra do Espírito Santo, "lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras" (Lc 24.45).

Esta nova geração de líderes cristãos faz bem em olhar para Piper, Carson, Keller e os outros. Podemos fazer ainda melhor, em alguns sentidos, em olhar para

Lutero e Calvino. Faremos melhor ainda em olhar para Paulo. E faremos muito melhor em olhar para Jesus.

A IMPORTÂNCIA DO CENTRO

Na vida tanto do pastor-mestre como do mestre-pastor, são grandes as tentações para dar maior atenção às coisas periféricas, à multidão de assuntos secundários. Sem dúvida, os assuntos periféricos e secundários precisam, às vezes, de nossa atenção e, às vezes, de maior atenção. Mas, como líder cristão, pastor-mestre ou mestre-pastor, o servo do Senhor retorna repetidas vezes à velha, velha história que é o próprio âmago da fé. É o evangelho que o apóstolo Paulo diz que é de primeira importância (1 Co 15.3). É o evangelho que é "o poder de Deus para a salvação" (Rm 1.16). É o evangelho que não somente salva, mas também "está operando eficazmente em vós, os que credes" (1 Ts 2.13), o evangelho que "está produzindo fruto e crescendo" (Cl 1.6), não somente em todo o mundo, mas também em nós e nas comunidades de nossas igrejas. Por isso, foi o evangelho que Paulo deixou com os líderes espirituais de Éfeso, em sua mensagem de despedida para eles, conforme Atos 20: "Encomendo-vos ao Senhor e *à palavra da sua graça*, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados" (v. 32). É o evangelho que edifica e nos torna santos.

Portanto, ao encorajar pastores a serem mais sérios quanto à vida da mente e em desafiar mestres a serem mais engajados na vida da igreja, concluímos com esta oração: que todo o nosso pastoreio erudito e toda a nossa erudição pastoral sirvam ao grande alvo de que a mensagem do evangelho sobre Jesus Cristo habite ricamente (Cl 3.16), tanto em nós como em nosso povo; que o conhecer a Jesus seja o grande objetivo de todo o nosso pastoreio e toda a nossa erudição; que nós mesmos, em nossa pregação, escrita, estudo e aconselhamento, continuemos a ver a nós mesmos como os grandes beneficiários da grande graça de Cristo; e que, em referência à eternidade, sejamos seguidores de Jesus cada vez mais moldados, saturados e transformados por sua pessoa e obra. A Jesus, o grande pastor-mestre, seja a glória. Amém.